

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

FORMAÇÃO PROFISSIONAL EMPREENDEDORA SOB A
VISÃO PEDAGÓGICA

MÔNICA BOMTEMPO REIS SOARES

2010



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**FORMAÇÃO PROFISSIONAL EMPREENDEDORA SOB A VISÃO
PEDAGÓGICA**

MÔNICA BOMTEMPO REIS SOARES

Sob a Orientação da Professora
Dra. Ana Alice Vilas Boas

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de concentração em Educação Agrícola.

**Seropédica, RJ
Setembro de 2010**

373.246098151

S676f

T

Soares, Mônica Bomtempo Reis Soares, 1969-
Formação profissional empreendedora sob
a visão pedagógica / Mônica Bomtempo Reis
Soares - 2010.
63 f.; il.

Orientador: Ana Alice Vilas Boas.

Dissertação (mestrado) - Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de
Pós-Graduação em Educação Agrícola.

Bibliografia: f. 48-52.

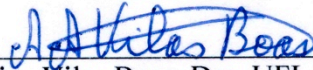
1. Ensino profissional - Minas Gerais -
Teses. 2. Escolas agrícolas - Minas Gerais
- Teses. 3. Ensino profissional - Minas
Gerais - Teses. 4. Formação profissional -
Teses. I. Vilas Boas, Ana Alice, 1965. II.
Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Curso de Pós-Graduação em
Educação Agrícola. III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

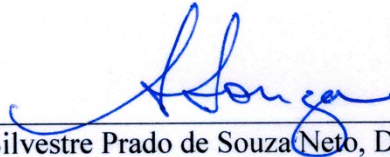
MONICA BOMTEMPO REIS SOARES

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

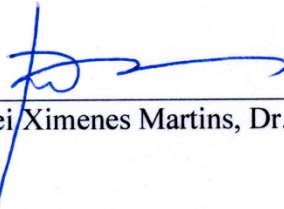
DISSERTAÇÃO APROVADA EM 27 de setembro de 2010.



Ana Alice Vilas Boas, Dra. UFLA/PPGEA



Silvestre Prado de Souza Neto, Dr. UFRRJ



Ronei Ximenes Martins, Dr. UFLA/CAED

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu pai, que foi exemplo de honestidade, simplicidade, amor e dedicação.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela força e proteção em todos os momentos e dificuldades.

Aos meus pais pelas orações, ajuda, confiança e serem exemplo de perseverança.

Ao meu esposo Bruno, pelo carinho e incentivo, acreditando na minha capacidade e por compreender a importância do meu trabalho.

As minhas filhas Amanda e Carolina agradeço pela compreensão, entendendo a necessidade da minha ausência.

Aos coordenadores do Programa, Doutor Gabriel de Araújo Santos e Doutora Sandra Barros Sanchez, por me darem a oportunidade no curso e passarem tantos conhecimentos que muito me ajudaram nesta caminhada.

A minha orientadora, Prof^a. Doutora Ana Alice Vilas Boas pelos conhecimentos repassados, pela paciência, apoio e incentivo para a conclusão desta pesquisa.

Aos colegas da turma pelos momentos agradáveis e alegres que passamos.

Ao Diretor Geral do Campus Rio Pomba, Prof. Arnaldo Prata Neiva Júnior pelo apoio e incentivo.

Aos professores e servidores do Campus Rio Pomba pela paciência e atenção em ajudar na pesquisa.

A Diretora do Campus Muriaé, Prof^a. Brasilina Elisete Reis de Oliveira e os servidores pela atenção e acolhida para o Estágio Pedagógica na instituição.

Ao proprietário e diretor da Empresa Lúmem Indústria Alimentícia Ltda., Sr. Bartolomeo Soares Vieira, pela atenção, seriedade e carinho para o Estágio Profissional.

“O preço de nossa vida não é pelo que fazemos ou sabemos, mas pelo que Somos! Somos especiais.” (Júlio Machado)

BIOGRAFIA

Mônica Bomtempo Reis Soares nasceu em 12 de Agosto de 1969 na cidade de Rio Pomba - Minas Gerais. Sendo seus pais Antônio Reis Sá e Maria de Lourdes Bomtempo Reis, numa família numerosa de 12 irmãos. Casada há 15 anos e mãe de duas filhas, Amanda de 14 anos e Carolina de 11 anos.

Cursou o ensino fundamental na Escola Estadual Prof. José Borges de Moraes e concluiu no ano 1989 o 2º grau com o Curso de Magistério no Colégio Regina Coeli em Rio Pomba.

Cursou Pedagogia com Especialização em Inspeção Escolar na Universidade Presidente Antonio Carlos em Barbacena/MG. Especializou-se em Supervisão Escolar na Unigranrio/RJ.

Trabalhou como educadora na educação infantil e supervisão pedagógica na Prefeitura Municipal e na rede particular de ensino na cidade de Rio Pomba/MG.

Participou da elaboração dos Projetos de Implantação de Unidades Descentralizadas do antigo CEFET Rio Pomba nos municípios de Lima Duarte e Muriaé no ano de 2004/2005.

Foi aprovada no concurso público para o cargo efetivo de Técnica em Assuntos Educacionais no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais – Campus Rio Pomba em 2006.

Participou da elaboração dos projetos dos cursos técnico e pós-graduação do Proeja no Campus Rio Pomba no ano de 2008.

Aprovada em concurso público para professor substituto no Campus Rio Pomba no ano de 2008, lecionando as disciplinas de Didática Geral no Curso de Licenciatura em Matemática e Sociologia do Trabalho no Curso Técnico de Segurança do Trabalho.

Contratada pela Fundação de Apoio ao Ensino Tecnológico e Profissionalizante de Rio Pomba – FUNDEP, lecionou para o Curso Especial de Formação Pedagógica no ano de 2007 e 2008.

Ocupa a função de Gerente Educacional de Formação Geral e Técnica no Campus Rio Pomba desde 2008 e é membro da Comissão Permanente de Processos Seletivos – COPESE do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais no período de 2010/2012.

Cursou Mestrado em Educação Agrícola na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro no período de 2008 a 2010.

RESUMO

SOARES, Mônica Bomtempo Reis. **Formação Profissional Empreendedora sob a visão pedagógica**. 2010. 63f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2010.

Este trabalho tem por objetivo analisar as práticas de difusão da educação empreendedora e práticas pedagógicas interdisciplinares, bem como, a atuação dos alunos na empresa Júnior e na incubadora de empresas no curso técnico em agropecuária no Campus Rio Pomba do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais. Tendo em vista que os profissionais deverão estar preparados para o mundo do trabalho e exercício da cidadania como um trabalhador empreendedor com visão para as oportunidades de negócios, a implementação da educação empreendedora nas escolas de educação profissional técnica e tecnológica deve basear-se no desenvolvimento de habilidades empreendedoras nos alunos. Para que este modelo de ensino empreendedor tome forma será necessário que a cultura empreendedora faça parte de toda a comunidade escolar, órgãos e setores envolvidos bem como a sociedade. A metodologia utilizada neste estudo foi o estudo de caso por meio de questionário aplicado aos professores e egressos, com o objetivo de analisar o que os professores pensam sobre a formação empreendedora dos alunos dos cursos técnicos. Quanto aos egressos buscou-se conhecer a sua formação técnica e a importância da formação empreendedora na vida profissional. A presente pesquisa buscou ainda descrever as diretrizes para o ensino técnico integrado, analisando e propondo uma nova matriz curricular, identificando os principais problemas da educação dentro da instituição e práticas pedagógicas que correspondam a um modelo de ensino profissionalizante voltado para a formação empreendedora, estimulando o espírito empreendedor e fornecendo instrumentos para que os alunos encontrem seu lugar no mercado também como empresários. Pode-se observar que os professores concordam que a formação empreendedora é importante para os alunos, além de ser muito importante no atual mercado de trabalho. Depreendeu-se dos egressos que faltou uma disciplina específica e/ou a incorporação de conteúdos relacionados a formação empreendedora. Observou-se também que as experiências com a empresa Júnior e a incubadora de empresas contribuem para a formação, demonstrando a importância dessas experiências para o desenvolvimento do espírito empreendedor. A matriz atual do curso técnico tem carga horária muito elevada, restando pouco tempo para atividades complementares, e pouco se foca a formação empreendedora. Em suma, sugere-se que a matriz curricular seja reestruturada e que a prática empreendedora seja reforçada também nas atividades extracurriculares.

Palavras-chave: Educação Agrícola. Empreendedorismo. Prática Pedagógica.

ABSTRACT

SOARES, Mônica Bomtempo Reis. **Entrepreneurial training formation under pedagogical approach.** 2010. 63p. Dissertation (Masters in Agricultural Education). Institute of Agronomy. Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2010.

This study aims to examine the practices of dissemination of entrepreneurial education and interdisciplinary teaching practices, as well as the performance in the Júnior company and business incubator in the technical course in agriculture in Rio Pomba Campus of the Federal Institute of Education, Science and Technology of the Southeast of Minas Gerais. Once the professionals should be prepared for the world of work and citizenship as an entrepreneur with vision for business opportunities, the implementation of entrepreneurship education in schools of professional technical and technological education should be based on developing entrepreneurial students' skills. For this model of entrepreneurship education takes form it will be necessary for the entrepreneurial culture to be part of the whole school community, agencies and sectors involved as well as society itself. The methodology used in this study was a case study using a questionnaire applied to teachers and graduates, in order to examine what teachers think about the entrepreneurial training of students in technical courses. As for the graduates it was sought to meet their technical background and importance of entrepreneurial training in the workplace. This research has also sought to describe the guidelines for integrated technical education, analyzing and proposing a new curriculum model, identifying the main problems of education within the institution and teaching practices that match a model of professional education focused on entrepreneurial training, stimulating entrepreneurial spirit and providing tools for students to find their place in the market as well as entrepreneurs. It can be observed that teachers agree that entrepreneurial training is important for students as well as being very important in today's job market. It appeared from the students that it lacked a specific discipline and/or the incorporation of content related to entrepreneurial training. It was also noted that experiments with the Júnior company and business incubator contribute to the formation, demonstrating the importance of these experiences for the development of entrepreneurship. The current array of technical course load is very high, leaving little time for additional activities, and little is focused on the entrepreneurial training. In short, it is suggested that the curriculum be restructured and the entrepreneurial practice be also enhanced in extracurricular activities.

Key word: Agricultural Education. Entrepreneurship. Teaching Practice.

LISTA DE ABREVIATURAS

APLs	Arranjos Produtivos Locais
ATEC	Empresa Júnior de Assistência Técnica e Consultoria
CEAGRO	Centro de Incubação e Parcerias do Agronegócio do Centro Federal de Educação Tecnológica de Rio Pomba
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CIEC	Coordenadoria de Integração Escola-Comunidade
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
ENE	Escola de Novos Empreendedores
FEA/USP	Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo
FUNDEP	Fundação de Apoio ao Ensino Tecnológico e Profissionalizante de Rio Pomba
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFET	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
IF Sudeste MG	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MG	Minas Gerais
PDE	Plano de Desenvolvimento da Educação
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PROLATIS	Empresa Júnior ProLactis Assistência Técnica e Consultoria do curso Superior de Tecnologia Em Laticínios
RJ	Rio de Janeiro
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequenas Empresas
SEMTEC	Secretaria de Educação Média e Tecnológica
SENETE	Secretaria Nacional de Educação Tecnológica
SETEC	Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
UFRS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Técnicos egressos com formação superior	23
Tabela 2. Opções de empreendimentos dos egressos	24
Tabela 3. Conhecimento do significado do termo empreendedorismo.	24
Tabela 4. Opinião dos egressos e docentes quanto às características empreendedoras para solução dos problemas de gestão nas empresas.....	25
Tabela 5. Opinião dos investigados quanto às dificuldades encontradas na administração de uma empresa.	26
Tabela 6. As características que uma pessoa com espírito empreendedor apresentam.	27
Tabela 7. Importância atribuída pelos docentes ao empreendedorismo na formação técnica.	31
Tabela 8. Matriz curricular do Curso Técnico Integrado em Agropecuária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais – Campus Rio Pomba.....	40
Tabela 9. Base Comum da Matriz Curricular do Curso Técnico em Agropecuária	43
Tabela 10. Formação específica para o Curso Técnico em Agropecuária.....	44

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
1.1	Objetivo Geral	2
1.1.1.	Objetivos específicos	2
2	REFERENCIAL TEÓRICO	4
2.1	Educação Profissional no Brasil	4
2.2	Empreendedorismo e Cultura Empreendedora	7
2.3	Competências e Habilidades Empreendedoras	10
2.4	Empreendedorismo na Educação	11
2.5	Práticas Pedagógicas para Desenvolver a Cultura Empreendedora	13
3	METODOLOGIA	18
3.1	Caracterização da Pesquisa.....	18
3.2	Caracterização do Público Participante do Estudo	19
3.3	Caracterização do Questionário	20
3.4	Análise e Interpretação dos Dados	20
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	21
4.1	Caracterização da instituição pesquisada	21
4.2	Análise dos dados da pesquisa de campo	23
4.3	Análise da Matriz Curricular	37
1.1.2.	Ementas das disciplinas da formação específica	37
1.1.3.	Matriz 2010.....	40
1.1.4.	Considerações Finais em decorrência da pesquisa	41
5	CONCLUSÃO	46
5.1	Sugestões para Futuras Pesquisas	46
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
7	ANEXOS	53
7.1	Carta de apresentação	54
7.2	Formulário de pesquisa docente	55
7.3	Formulário de pesquisa egresso.....	59

1 INTRODUÇÃO

A Educação Técnica Profissionalizante consta no Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) como o espaço onde os vínculos entre educação, território e desenvolvimento podem se tornar mais evidentes e os efeitos de sua articulação, mais notáveis (PDE/MEC).

O Plano de Desenvolvimento da Educação prioriza educação básica de qualidade e compreende que investir nela significa investir na educação profissional e na educação superior, pois elas estão ligadas, direta ou indiretamente. Significa também envolver todos - pais, alunos, professores e gestores, em iniciativas que busquem o sucesso e a permanência do aluno na escola.

Na educação profissional, a principal iniciativa do Plano é a criação dos institutos federais de educação profissional, científica e tecnológica, destinados a funcionar como centros de excelência na formação de profissionais para as mais diversas áreas da economia.

O plano prevê que os Institutos Federais tenham como objetivo oferecer educação profissional e tecnológica, como processo educativo e investigativo, em todos os níveis e modalidades, especialmente no nível médio. Além disto, orientar a oferta de cursos em sintonia com a consolidação e fortalecimento dos arranjos produtivos locais e estimular a pesquisa aplicada, a produção cultural, o empreendedorismo e o cooperativismo, apoiando processos educativos que gerem trabalho e renda.

Quando trata de desenvolvimento e territorialidade, o PDE contempla proporcionar um desenvolvimento sustentável, respeitar a diversidade e as características regionais do nosso país (econômicas, sociais, políticas, culturais e ambientais), e garantir o direito à cidadania. Além disso, contempla também uma visão da educação de forma sistêmica que envolve respeitar o horizonte do estudante. Neste sentido, quanto mais amplo este horizonte, mais ele se dedica aos seus estudos.

Entre os propósitos a que se destina o PDE estão a qualidade do ensino para o enriquecimento do processo educacional e a participação do sujeito, a equidade que reduz as desigualdades sociais e o desenvolvimento das potencialidades, conhecimento e competências dos indivíduos.

Em busca de condições de trabalho supostamente favoráveis em termos de renda, os jovens inseridos no ensino profissionalizante, muitas vezes abandonam suas raízes e suas famílias no campo, causando a explosão demográfica das zonas urbanas e aceitando condições de vida inadequadas.

As transformações sociais ocorridas nos últimos tempos passam também por mudanças profundas no mundo do trabalho, fato pelo qual a educação profissionalizante não pode ficar fora do processo. Os desafios estão relacionados aos avanços tecnológicos e às novas expectativas das empresas que agora enfrentam mercados globalizados, extremamente competitivos. Com isso, surgem também novas exigências em relação ao desempenho dos profissionais.

Isso significa reconhecer que para enfrentar os desafios de hoje o profissional precisa cumprir duas exigências fundamentais: ter uma sólida formação geral e uma boa educação profissional. Os profissionais deverão estar preparados para o mundo do trabalho, para o exercício da cidadania e não mais vistos como “executores de tarefas”, mas, um trabalhador empreendedor com visão para as oportunidades de negócios.

A implementação da educação empreendedora nas escolas, especificamente em uma escola de educação agrícola/agropecuária, deve basear-se no desenvolvimento de habilidades empreendedoras nos alunos para que, ao concluírem seus estudos retornem para o meio rural, preparados para participarem do desenvolvimento econômico como geradores de emprego e

renda, contribuindo para o desenvolvimento sustentável , individualmente ou por meio dos modelos de ação empreendedora conjunta como cooperativas e associações.

Ações empreendedoras são pertinentes a profissionais capazes de desenvolver um trabalho, dirigir um negócio por sua própria competência e colocar em execução os diversos fatores de produção tendo em vista vender os produtos ou serviços, e gerar emprego e renda dentro de um modelo sustentável.

Empreendedorismo requer um tipo de comportamento que inclui tomada de iniciativa, organização ou reorganização de mecanismos socioeconômicos para transformar recursos e situações em contatos práticas, avaliação e aceitação de riscos e tem como principais recursos o próprio empreendedor.

Portanto, deve haver políticas públicas para um ensino agrícola empreendedor, que possam aliar a inclusão de disciplinas com enfoque para o empreendedorismo no ensino agrícola com as práticas pedagógicas e os órgãos voltados para este setor, como o Serviço Brasileiro de Apoio ao Micro e Pequeno Empresário (SEBRAE), criado para incentivar, motivar e organizar este segmento.

Para que o modelo de ensino empreendedor tome forma será necessário que a cultura empreendedora faça parte de toda a comunidade escolar, órgãos e setores envolvidos bem como a sociedade. Deste modo, buscar a formação do cidadão com pensamento autônomo e uma formação profissional qualificada, socialmente comprometida e acima de tudo ética.

A construção de novas estratégias de ação, novas matrizes curriculares, organização didático-pedagógica das aulas práticas e teóricas devem contemplar os arranjos produtivos locais e o desenvolvimento sócio-econômico da região onde a instituição está inserida. A introdução de atividades interdisciplinaridades nos currículos é, didaticamente, interessante, pois, são abordados problemas e não matérias, tratando-se, portanto, de um processo e uma filosofia de trabalho com o objetivo de solucionar problemas e questões que preocupam cada sociedade (TORRES, 1998 citado por VILELA e MENDES, 2003).

Para Malta (2006, p. 01), diretor superintendente do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE/ RJ: “O grande desafio do ensino fundamental, nos dias atuais, é não mais limitar-se a alfabetizar e dar formação básica e sim preocupar-se com a preparação do aluno para enfrentar os desafios futuros, tanto no mercado de trabalho, quanto na vida pessoal.” O que demonstra que a visão empreendedora deve ser valorizada desde a formação básica. Portanto, a interdisciplinaridade e o empreendedorismo devem também ser estimulados no ensino médio e no ensino superior.

Neste contexto, torna-se relevante verificar como as práticas pedagógicas interdisciplinares e a atuação na empresa júnior e na incubadora de empresas contribuem para a formação profissional empreendedora nos cursos técnicos em agropecuária. Supõe-se que as práticas pedagógicas interdisciplinares e a atuação na empresa júnior e na incubadora de empresas contribuem para a formação do perfil empreendedor dos egressos.

1.1 Objetivo Geral

Analisar as práticas pedagógicas interdisciplinares no curso técnico em agropecuária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais – Campus Rio Pomba e descrever contribuição dessas práticas para a estruturação curricular de uma formação profissional mais específica e empreendedora.

1.1.1. Objetivos específicos

- analisar a matriz curricular do ensino técnico integrado;

- identificar, junto aos professores e egressos, as práticas pedagógicas que envolvam o desenvolvimento de competências empreendedoras e que correspondam a um modelo de ensino profissionalizante voltado para a formação empreendedora;
- analisar o papel da empresa Junior e da incubadora de empresas na formação interdisciplinar do egresso dos cursos técnicos em agropecuária;
- elaborar uma proposta de matriz curricular que privilegie as práticas empreendedoras.

Este trabalho pretende demonstrar a importância do empreendedorismo na formação dos futuros técnicos, proporcionando, além da formação geral, o desenvolvimento da independência, o espírito criativo e crítico, preparando-os para enfrentar as dificuldades que normalmente surgem aos recém formados ingressos ao mercado de trabalho.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo aborda a educação profissional no Brasil, o empreendedorismo e cultura empreendedora, competências e habilidades empreendedoras, empreendedorismo na educação e práticas pedagógicas para a construção da cultura empreendedora.

2.1 Educação Profissional no Brasil

A Formação Profissional no Brasil, sob a responsabilidade do Estado, teve seu início no ano de 1909, no governo de Nilo Peçanha, por meio da criação de 19 Escolas de Artes e Ofícios, com a finalidade de educar pelo trabalho os órfãos, pobres e desvalidos da sorte, retirando-os da rua. Estas instituições atendiam uma perspectiva mobilizadora da formação do caráter pelo trabalho.

A divisão entre capital e trabalho traduzida pelo Taylorismo-Fordismo, demarcou a trajetória educacional dos que iriam desempenhar as funções intelectuais ou instrumentais: as atividades de planejamento e supervisão – formação acadêmica intelectualizada – (elites), as de execução, descolada de ações instrumentais – formação profissional em instituições especializadas ou no próprio trabalho – (trabalhadores). É importante registrar que tais características se acentuaram a partir de 1940, por motivos da diferenciação e do surgimento dos setores secundário e terciário. Daí se multiplicou o número de escolas e cursos para atender aos vários ramos ocupacionais. (KUENZER, 1995: 122 -123)

Gramsci (1985) apud Souza (2004), afirma que diferente do fordismo, o toyotismo reconstitui, no interior de uma grande indústria, o que era fundamental na manufatura: “*o velho nexos psicofísico do trabalho profissional qualificado – a participação ativa da inteligência, da fantasia, da iniciativa do trabalho.*” Atualmente percebe-se isso na formação dos alunos, a escola deve preparar estes alunos para o mercado de trabalho, com uma formação geral, com uma visão de cidadão completo, capaz de ser criativo, tomar iniciativas e produzir, com habilidades cognitivas e comportamentais.

O conceito de empregabilidade é um dos conceitos significativos do toyotismo que determina as políticas de formação profissional. Este conceito incorpora-se nas ideologias de formação profissional no capitalismo global.

Segundo Gentili (1998), a empregabilidade incorporada no senso comum como significado que contribui para estruturar, orientar e definir as opções dos indivíduos no campo educacional e no mercado de trabalho, tornando-se também ‘a’ referencia norteadora, o ‘dever ser’ dos programas de formação profissional e, inclusive, das próprias políticas educacionais.

Outro conceito importante é o que Frigotto (2004) apresenta sobre o trabalho como princípio educativo. Segundo este autor, o trabalho como princípio educativo, deriva do fato de que todos os seres humanos são seres da natureza e, portanto, têm a necessidade de alimentar-se, proteger-se das intempéries e criar seus meios de vida. É fundamental socializar, desde a infância, o princípio de que a tarefa de prover a subsistência e outras esferas da vida pelo trabalho, é comum a todos os seres humanos, evitando-se, desta forma, criar indivíduos ou grupos que exploram e vivem do trabalho de outros. O trabalho como princípio educativo não é uma técnica didática ou metodológica no processo de aprendizagem, mas um princípio ético-político. Ele mostra também a globalização do capital como vingança contra as conquistas da classe trabalhadora; a forma que assume a globalização neste fim de século tem uma especificidade que é, em sua essência o desbloqueio dos limites sociais impostos ao capital pelas políticas do Estado de bem-estar social. É também, neste sentido, uma revanche contra as conquistas sociais da classe trabalhadora.

Gramsci (2000) apud Souza (2004) lembra que desde a década de 1920, o ensino médio propiciava uma formação que permitia o domínio das técnicas, as leis científicas e a serviço de quem e de quantos está a ciência e a técnica, tratava-se de uma formação humana que rompia com as dicotomias, geral e específico, político e técnico ou educação básica e técnica, heranças de uma concepção fragmentária e positivista de realidade humana. Houve um avanço na estruturação do ensino, onde este passou de modular a integrado ao ensino técnico visando a construção de uma educação politécnica, conforme apontam Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005).

“O ensino médio integrado ao ensino técnico, conquanto seja uma condição social e historicamente necessária para construção do ensino médio unitário e politécnico, não se confunde totalmente com ele porque a conjuntura do real assim, não o permite. Não obstante, por conter os elementos de uma educação politécnica, contem também os germens de sua construção.” (SAVIANI, 1997 apud FRIGOTTO, CIAVATTA; RAMOS, [2005])

Nas décadas de 1950 e 1960, houve a explosão da produção dos chamados insumos modernos, caracterizados como máquinas, tratores, implementos, colheitadeiras, fertilizantes, e defensivos químicos que impulsionaram a agricultura comercial da época, promovendo, o que se chamou de revolução verde. Estas mudanças no cenário agrícola brasileiro contribuíram para que o Ministério da Educação e outros setores econômicos e políticos do país transformassem as escolas agrícolas em Escolas Técnicas Federais e Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET) buscando atender as demandas do desenvolvimento industrial. Neste contexto algumas escolas foram denominadas escolas-fazendas.

O sistema Escola-fazenda foi expandido a toda a rede federal de ensino agrícola, a partir de 1970, pelo Ministério da Educação e Cultura. O decreto n.º 72.434, de 09 de julho de 1973, criou a Coordenadoria Nacional do Ensino Agrícola (COAGRI), cuja finalidade era proporcionar, nos termos desse decreto, assistência técnica e financeira a estabelecimentos especializados em ensino agrícola do MEC. Com esse decreto, fica assegurada a autonomia administrativa e financeira à COAGRI e criou-se um fundo de natureza contábil.

A proposta do Parecer n.º 45/72 do Conselho Federal de Educação - CFE, que pretendia reforçar a orientação da Lei 5.692/71 sobre a composição do núcleo comum de estudos e fixando o mínimo curricular das habilitações profissionais também não se efetivou. Foi elaborado, então, o parecer n.º 76/75 pelo Conselho Federal de Educação, que retira o princípio básico da lei citada acima, referente à supressão da dualidade entre os ensinos propedêutico e profissionalizante. A profissionalização, segundo esse parecer, é considerada como educação geral, com pequenas noções sobre trabalho e o parecer n.º 45/72 considerava a terminalidade profissional, com a educação geral e a formação profissional assumindo a mesma importância.

A partir do Decreto n.º 3.935 de 04 de setembro de 1979, as Escolas Agrícolas passaram a ser denominadas Escolas Agrotécnicas Federais, acompanhadas do nome do município no qual se encontravam localizadas.

A Lei n.º 7.044/82 tornou flexível a obrigatoriedade de profissionalização em todo o ensino de segundo grau, conforme previa a lei n.º 5.692/71, e permitiu fazer a opção pelo que passou a denominar “preparação para o trabalho”, em substituição à “qualificação profissional”. Notou-se que:

No ensino de 2.º grau, a resistência dos proprietários das escolas privadas se juntou à dos estudantes e das próprias empresas que não abriram suficientes oportunidades de estágio e à falta de recursos nas redes públicas de ensino, de modo que, em 1982, a lei 7.044 produziu

uma total reorientação da reforma de 11 anos antes. No entanto, ao invés de revogar todo o aparato curricular da profissionalização universal e compulsória, ele permaneceu como uma das possibilidades, ao lado de um currículo exclusivamente propedêutico. Desde então a função propedêutica do ensino de 2.º grau foi restabelecida, no contexto do enfraquecimento da ditadura militar. (CUNHA, 2000, p.55).

O Decreto n.º 93.613, de 21 de novembro de 1986, extinguiu a COAGRI, ficando o ensino agrotécnico de 2º grau subordinado à Secretaria de Ensino de 2º grau (SESG). Nos anos 90, o ensino agrotécnico passou a ser subordinado à Secretaria Nacional de Educação Tecnológica (SENETE), que posteriormente passou a ser a Secretaria de Educação Média e Tecnológica (SEMTEC), responsável pela educação média e tecnológica no país.

A Lei n.º 9.394/96, a partir do decreto n.º 2.208/97 impôs algumas reformas à educação profissional, separando a Educação Básica da Educação Profissional e criando duas vertentes. Uma voltada para a educação propedêutica acadêmica e outra para o Ensino Profissionalizante. Através de cursos concomitantes ou após o ensino médio o jovem tinha a opção de facilitar sua adaptação ao mercado de trabalho.

O conhecimento escolar proposto para o ensino médio pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB N.º 9.394/96), como etapa final da Educação Básica, foi dividido em Linguagem, Códigos e suas Tecnologias, Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias e Ciências Humanas e suas Tecnologias. O discurso do MEC afirma que o ensino médio a partir de então é para a vida, em contraposição à proposta anterior, quando ele era integrado, que era para preparar para o trabalho, como se o trabalho ou o ingresso em cursos superiores não fizessem parte da vida. Foi uma proposta educacional imposta pela ideologia governamental e as escolas a acataram sem questionamento. “Os conteúdos disciplinares deixariam de ser fins em si mesmos para se constituírem em insumos para o desenvolvimento de competências”. (RAMOS, 2002, p.408).

O Decreto n.º 2.208/97 permitiu a criação de novas áreas profissionais. “Em alguns casos, essas se traduziram como um recorte abrangente dos campos profissionais, integrando processos de forma ainda não coerente com a divisão técnica e social do trabalho na sociedade brasileira”. (RAMOS, 2002, p. 404).

Em 2004, no governo Lula da Silva, é exarado o Decreto n.º 5154 que revoga o decreto anterior de n.º 2208/97, cujo discurso é a integração do ensino médio e técnico.

Apesar de reconhecer a forma integrada como um curso único, com matrícula e conclusão únicas, o parecer considera que os conteúdos do ensino médio e os da educação profissional de nível técnico são de “naturezas diversas”. Re-estabelece-se, assim, internamente ao currículo, uma dicotomia entre as concepções educacionais de uma formação para a cidadania e outra para o mundo do trabalho, ou de um tipo de formação para o trabalho intelectual e de outro tipo para o trabalho técnico e profissional. (FRIGOTTO, CIAVATTA e RAMOS, 2005, 1095).

Em 28 de dezembro de 2008, o Ministério da Educação instituiu a lei que transformou as escolas agrotécnicas e os CEFETs em Institutos Federais de Educação visando ampliar o atendimento e atender a uma nova demanda educacional, as licenciaturas.

Os novos Institutos Federais atuarão em todos os níveis e modalidades da educação profissional, com estreito compromisso com o desenvolvimento integral do cidadão trabalhador, e articularão, em experiência institucional inovadora, todos os princípios formuladores do

Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). Este novo arranjo educacional abrirá novas perspectivas para o ensino médio, por meio de uma combinação do ensino de ciências naturais, humanidades e educação profissional e tecnológica. Os fundamentos dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia estão aqui, nesta pequena publicação, de forma que a sociedade brasileira possa entender e participar da construção do sólido caminho que estamos a traçar em busca de um Brasil mais justo. (BRASIL, MEC – SETEC – Instituto Federal – Concepção e Diretrizes, 2008, pág. 5).

Todo este processo histórico de evolução do sistema educacional brasileiro perpassa o próprio processo de desenvolvimento socioeconômico e político do país, tendo em vista que as mudanças implementadas no sistema educacional, principalmente, no ensino profissionalizante, estão relacionadas com o desenvolvimento da agricultura e da indústria no Brasil. Neste contexto, o empreendedorismo se destacou e vem sendo estudado diante de diversas perspectivas de modo a contribuir com o desenvolvimento do país. Tendo em vista que o sistema educacional brasileiro tem procurado inserir este tema nos diferentes níveis de ensino.

2.2 Empreendedorismo e Cultura Empreendedora

A expressão *entrepreneurship* é de origem inglesa e originada da palavra francesa *entrepreneur*, que significa empreender, associada ao sufixo *ship*, que significa situação, estado, grau, habilidade e qualidade. No entanto, Dolabela (1990: 43) situa a origem do termo empreendedorismo como:

Empreendedorismo é um neologismo derivado da livre tradução da palavra entrepreneurship e utilizado para designar os estudos relativos ao empreendedor, seu perfil, suas origens, seu sistema de atividades, seu universo de atuação.

Nos Estados Unidos é vultoso o número de universidades que oferecem cursos na área. Existem inúmeras revistas científicas voltadas para o tema. É crescente e impressionante o número de empresas que surgem a cada ano. Na Rússia e nos países do antigo bloco socialista, há uma verdadeira febre de empreendedorismo. O empreendedorismo está passando por um crescimento inesperado (PAIM, 2001).

O empreendedorismo é fundamentalmente a capacidade e o desejo de agir consciente, determinado e voluntário, tendente a obter uma mudança. O ato de empreender revela-se numa atitude dinâmica perante a realidade em que, em face de determinados contextos internos ou externos, se imaginam repostas de modificação dessa realidade. É por isso que se associa em regra geral, o empreendedorismo à inovação, pois o empreendedor tende a realizar as suas ações de forma diferente, para obter resultados diferentes e, nesse processo de inovação, desconstruir a realidade para recriar. (DOLABELA, 2003)

Dolabela mostra ainda a importância do ensino de Empreendedorismo, dentre elas: a) as relações de trabalho estão mudando, o emprego dá lugar a novas formas de participação, as empresas precisam de profissionais que tenham uma visão global do processo, que saibam identificar e satisfazer as necessidades do cliente; b) exige-se hoje, mesmo para aqueles que vão ser empregados, um alto grau de “Empreendedorismo”, as empresas precisam de colaboradores que, além de dominar a tecnologia, conheçam também o negócio, saibam auscultar e atender às necessidades do cliente, possam identificar oportunidades, e mais, buscar e gerenciar os recursos para viabilizá-las; c) a cidadania, o empreendedor deve ser alguém com alto comprometimento com o meio ambiente e com a comunidade, com forte

consciência social; d) a ética, uma grande preocupação no ensino de empreendedorismo devem ser os aspectos éticos que envolvem esta atividade. (DOLABELA, 2004, p. 53)

Sá et AL (2008), os empreendedores não têm medo do novo e estão buscando novas alternativas para tudo que se faz e desenvolvendo soluções para as dificuldades que se apresentam. O empreendedor imagina, desenvolve e realiza ações, deseja, objetiva, sabe a missão e os princípios, determina a estratégia, conhece as funções básicas, executa e obtém sucesso. A economia globalizada pressupõe a existência de empresas competitivas em uma escala muito mais ampla do que há alguns anos, onde as companhias tinham a seu favor as distâncias geográficas como o “delimitador” da sua “fatia” de mercado.

Neste contexto Dolabela (2003) afirma que todo mundo é empreendedor, levado a descobrir suas características empreendedoras, estimulando-o a construir o saber empreendedor. Trabalha o estudo do empreendedorismo acionando sua energia individual e coletiva no âmbito da construção do desenvolvimento, seja montando sua própria empresa ou em ações empreendedoras em sua carreira profissional. Para desenvolver estas características foi criada a Oficina do Empreendedor que leva o indivíduo a proceder um empreendimento na vida real fazendo, errando, corrigindo e criando seu próprio negócio.

Dolabela afirma que:

“O que aprendemos na escola é superado rapidamente pelo que aprendemos fora dela. Em algumas áreas, o conhecimento tecnológico é renovado em poucos anos. Não adianta mais acumular um “estoque” de conhecimentos. É preciso que saibamos aprender. Sozinhos e sempre. Por isso, a Oficina apresenta um processo de aprendizado e não de ensino. Ela induz ao contínuo aprender a aprender, que leva o aluno a proceder como faz o empreendedor na vida real: fazendo, errando, corrigindo rumos, criando.” (DOLABELA, 1990: 20-21)

Ainda, segundo o mesmo autor, a introdução da cultura empreendedora no ensino médio e superior é o primeiro passo na persecução de um objetivo maior: a formação de uma cultura em que tenham prioridade valores como geração e distribuição de riquezas, independência, inovação, criatividade, auto-sustentação, liberdade e desenvolvimento econômico – ou seja, a formação de uma “incubadora social.”

Em outro trabalho, Dolabela mostra a aplicação de uma metodologia de ensino empreendedor, levando em consideração as características locais, vinculando-a a tecnologias de desenvolvimento local, sustentável, abrangendo não só o indivíduo, mas toda a comunidade.

A tarefa da educação empreendedora é principalmente fortalecer os valores empreendedores na sociedade. É dar sinalização positiva para a capacidade individual e coletiva de gerar valores para toda a comunidade, a capacidade de inovar, de ser autônomo, de buscar a sustentabilidade, de ser protagonista. Ela deve dar novos conteúdos aos antigos conceitos de estabilidade e segurança – impregnados na nossa cultura, mas referentes a contextos hoje inexistentes. Atualmente, estabilidade e segurança envolvem a capacidade da pessoa de correr riscos limitados e de se adaptar e antecipar às mudanças, mudando a si mesma permanentemente.” (DOLABELA, 2003, p.:130 – 131)

A “Pedagogia Empreendedora” torna o empreendedor como alguém capaz de gerar novos conhecimentos a partir de uma dada plataforma, constituída por “saberes” acumulados na história de vida do indivíduo e que são os chamados “quatro pilares da educação”-

aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, constantes do Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI.

Segundo Libâneo (1994), ocorrem ações pedagógicas não apenas na família, na escola, mas também nos meios de comunicação, nos movimentos sociais e outros grupos humanos organizados, em instituições não-escolares. As empresas reconhecem a necessidade de formação geral como requisito para enfrentamento da intelectualização do processo produtivo.

Filion (1999, p: 19) define o empreendedor como uma pessoa lúcida e que utiliza essa lucidez para aproveitar oportunidades:

(...) o empreendedor caracteriza-se por ser uma pessoa criativa, marcada pela capacidade de estabelecer e atingir objetivos e que mantém alto nível de consciência do ambiente em que vive, usando-a para detectar oportunidades de negócios. Um empreendedor que continua a aprender a respeito de possíveis oportunidades de negócios e a tomar decisões moderadamente arriscadas que objetivam a inovação, continuará a desempenhar um papel empreendedor.

Segundo Drucker (2008), o empreendedor é alguém que está sempre buscando a mudança, reage a ela e a explora, fazendo dela uma oportunidade. Destaca também que o empreendedor tem capacidade de inovar, de lidar com a incerteza e com as mudanças.

Timmons (*apud* MEC, 2000b, 72-73) diz que:

Empreendedorismo é a habilidade de criar e construir algo a partir praticamente do nada: fundamentalmente é um ato humano e criativo. É encontrar energia pessoal para iniciar e construir uma empresa ou organização mais do que simplesmente assistir, analisar ou descrever. Fazer tal afirmação sobre o seu ponto de vista requer uma voluntariedade em acalantar riscos – ambos pessoais e financeiros – e, então, fazer todo o possível para colocar do seu lado as vantagens, reduzindo assim as possibilidades do fracasso (...)

Meredith, Nelson e Nech (*apud* MEC, 2000b, 51) (ano): definem como sendo empreendedores as pessoas hábeis em identificar oportunidades, organizadas e totalmente estimuladas:

Empreendedores são pessoa que têm a habilidade de ver e avaliar oportunidades de negócios; prover recursos necessários para pô-las em vantagens e iniciar Ação apropriada para assegurar o sucesso. São orientadas para a ação, altamente motivadas; assumem riscos para atingirem seus objetivos.

Segundo Julien (1986) (*apud* MEC, 2000b, 47), o empreendedor é imaginativo, confiante, informado e bom administrador financeiro:

*a- o empreendedor é aquele que sabe imaginar novamente, tem uma grande confiança em si mesmo, é entusiasta, tenaz, ama resolver problemas, ama dirigir, combate a rotina, evita constrangimentos.
b- é aquele que cria uma informação interessante ou não do ponto de vista econômico (inovando em relação ao produto, ou ao território, ao processo de produção, ao mercado...) ou aquele que antecipa sobre esta informação (antes. dos outros ou diferentemente dos outros).*

c- é aquele que reúne e sabe coordenar os recursos econômicos para aplicar de modo prático e eficaz sobre um mercado, a informação que ele conhece a fundo.

d- ele o faz, primeiro, em função das vantagens pessoais, tais como prestígio, ambição, independência, o jogo, o poder sobre si e sobre a situação econômica e, em seguida, o lucro, etc.

Por outro lado, Navarro (2008, 1) apresenta uma visão mais ampla do termo empreendedorismo ao afirmar que o empreendedor faz o seu momento.

É isso: o empreendedor faz o seu momento! Ele escreve, produz, dirige e protagoniza a sua própria história, porque acredita no seu esforço, dedicação e competência. Ele sabe quando é a melhor hora de parar, de retroceder, de mudar de trajetória, quando está sendo persistente ou teimoso, e quando deve ser audacioso e arriscar.

Encontra-se nestas citações vários conceitos sobre o “ser empreendedor”, são definições diferentes que no final se complementam e contribuem para a construção de um conceito único aplicável ao empreendedor, uma pessoa dinâmica, hábil, dedicada e competente, para um mundo de constantes transformações e mudanças, num mercado altamente competitivo e exigente. Por isso, o estudo das competências e habilidades empreendedoras é relevante para o desenvolvimento da cultura empreendedora.

2.3 Competências e Habilidades Empreendedoras

As transformações recentes ocorridas nas relações de produção têm sido explicadas, como consequência do avanço científico e tecnológico. O mundo vive um fenômeno social concreto que ocorre devido às relações de interesse entre capital e trabalho no que tange formação e a qualificação da força de trabalho. Conforme postula Santos (2004:13).

“Atualmente no Brasil, trabalhadores, empresários e governo têm atribuído à educação o papel de formação e qualificação da força de trabalho diante da exigência de novas competências técnico-operacionais e sociais demandadas pelo atual patamar de desenvolvimento científico e tecnológico e sua aplicação cada vez mais intensa nos processos de trabalho e de produção e na vida urbano-industrial. Tal iniciativa tem em vista a garantia de maior produtividade e qualidade da indústria nacional como diferencial de competitividade no mercado dito globalizado.”(SANTOS, 2004: 13)

Assim, as habilidades e competências dos indivíduos devem ser trabalhadas e desenvolvidas em busca deste referencial de produtividade e qualidade. Segundo Perrenoud (1999), competência significa mobilizar um conjunto de recursos mentais para solucionar uma série de situações. A competência envolve a construção de conhecimentos a serem direcionados ao desenvolvimento de respostas necessárias à resolução de problemas. Descrever as competências exige a análise de situações e de ações, pois estão associadas ao contexto cultural, profissional e social do indivíduo, inserindo o sujeito em situações e problemas diversos.

Antes o empreendedor era proprietário ou dirigia algum negócio com objetivo de lucro. Hoje o conceito de empreendedorismo mudou muito e ganhou maior abrangência, considerando empreendedoras as pessoas que possuem determinadas características

demonstradas por comportamentos e ações que as levam ao êxito pessoal e profissional nas mais diferentes situações.

Segundo Dias et al (2008), a competência é um conjunto de características compreendendo diferentes traços de personalidades, habilidades e conhecimento, que são influenciadas pela experiência, capacitação, educação, valores familiares e outras variáveis demográficas do empreendedor. Vale ressaltar que o empreendedor de sucesso deve ser um indivíduo com competências múltiplas e qualidades diferenciadas. As competências se dividem em competências de oportunidades, competências de relacionamento, competências conceituais, competências administrativas, competências estratégicas e competências de comprometimento. Para fortalecer ainda estas competências temos as competências de suporte para fortalecer o empreendedor.

Conforme Dolabela (2003), existem algumas competências-chave que são fundamentais para o desenvolvimento do empreendedorismo: a) autoconfiança, assumindo riscos; b) iniciativa, força e energia para iniciar um projeto; c) resistência ao fracasso; d) planejamento, tendo organização para administrar; d) criatividade, inovação; e) relações interpessoais, este de grande importância, pois, uma boa relação com outras ajudará muito para que o negócio dê certo.

As competências traduzem comportamentos, conhecimentos, atitudes que o sujeito usa para desenvolver uma dada atividade com sucesso. A Educação para o Empreendedorismo deverá considerar como pilar o desenvolvimento dessas competências.

Diante do exposto, pode-se afirmar que as habilidades e competências empreendedoras podem ser estimuladas e desenvolvidas com vistas a preparar o profissional para atuar no mercado de forma mais independente. Portanto, certas práticas pedagógicas podem ser adotadas nas instituições de ensino com vistas a propiciar este desenvolvimento, conforme destacado a seguir.

2.4 Empreendedorismo na Educação

A educação para o empreendedorismo deve proporcionar um ambiente em que os alunos possam desenvolver e utilizar a capacidade de imaginar mudanças e procurar realizar essas mesmas mudanças.

Inácio (2009) afirma que ensinar empreendedorismo no Brasil, significa uma quebra de paradigmas na tradição didática, uma vez que aborda o saber como consequência dos atributos do ser. Assim, na sala de aula, elementos como comportamento, atitude, emoção, sonho, individualidade, ganham vaga antes ocupada somente pelo saber. Levantamentos feitos junto a empreendedores apontam que o conhecimento da tecnologia do produto pode representar algo entre 5 e 15% da solução global. Ou seja, os conhecimentos adquiridos em cursos de base tecnológica no Brasil, contribuem com um baixo percentual na solução dos problemas a serem enfrentados na criação, desenvolvimento e venda de um produto ou prestação de serviços. Esta conclusão conduz inevitavelmente a reflexões sobre os programas curriculares em todos os níveis de ensino. Ela ressalta a importância do ensino de empreendedorismo nas escolas e universidades, a importância do espírito empreendedor, a forma de como o professor trabalhará os conteúdos e como o aluno irá aprender. (INÁCIO, 2009)

Segundo Inácio (2009), os papéis do professor e do aluno devem ser transformados no contexto da educação empreendedora, o professor deve ser o indutor do processo de auto-aprendizado do aluno e deve desenvolver habilidades comportamentais e cognitivas inspiradas nas próprias experiências de vida do indivíduo. No que diz respeito ao ensino de empreendedorismo a questão é resolvida, mais uma vez, de forma pragmática. Experiências de sucesso, em todos os níveis, têm sido realizadas em todo o mundo. Sabe-se que fatores

fundamentais para o desenvolvimento da cultura empreendedora apóiam-se, entre outros, em elementos, tais como, a motivação à auto-realização, iniciativa e persistência, energia, liderança, capacidade de desenvolver uma visão, suportada por uma rede de relações pessoais.

Trabalhar o empreendedorismo com os alunos é um meio de mostrar a capacidade que eles têm de por em prática as suas idéias, o seu potencial, mas para isso é preciso trabalhar e estimular a criatividade, a liderança, a auto-estima e não ter medo de assumir riscos.

Segundo Varela (1989), a habilidade de aprender pode ser desenvolvida por meio de um processo educativo, que melhore as possibilidades de conceber, criar e desenvolver com êxito uma carreira empreendedora. A primeira disciplina de empreendedorismo no Brasil surgiu em 1981, oferecida pela Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas/SP, seguida de importantes trabalhos durante a década de 1980 na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA/USP) e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS).

No início dos anos 1990, o SEBRAE-MG apoiou a criação do Grupo de Estudos da Pequena Empresa, na UFMG, destacando-se o oferecimento de workshops nos anos de 1992 a 1994, ministrados por professores canadenses, liderados por Louis Jacques Filion. Em 1993, o CNPQ, como o Programa Softex, desenvolveu uma metodologia no ensino do empreendedorismo. Em 1995, a Universidade de Brasília criou a Escola de Empreendedores, com atividades fervilhantes em sensibilização e ensino de empreendedorismo. Em 1997, foi criado em Minas Gerais, o Programa REUNE – Rede de Ensino Universitário de Empreendedorismo. Em 1998 o SEBRAE nacional lança o Programa REUNE - Brasil, expandindo a filosofia da rede universitária de ensino de empreendedorismo para todo o território nacional (DOLABELA, 1999).

Em 1992 são implantados mais dois projetos pioneiros: A Escola de Novos Empreendedores (ENE), na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), considerado um dos projetos mais importantes no Brasil de ensino empreendedor.

No ano de 2000, foi iniciado o Programa Integrado MEC(SEMTEC)/SEBRAE de Técnicos Empreendedores, tendo como base os pressupostos estratégicos da nova educação profissional brasileira, tendo como objetivo contribuir para a solução dos problemas nacionais, por meio do ensino do empreendedorismo nas escolas de ensino médio e de educação profissional. (MEC, 2000b).

Em “Formação Empreendedora na Educação Profissional”, elaborado pelo MEC (2000b, 38-40) constam os conjuntos de características empreendedoras, como:

- a. Conjunto da realização: iniciativa, busca de oportunidades, persistência, busca de informação, preocupação com a alta qualidade do trabalho, comprometimento com os contratos de trabalho, eficiência.
- b. Conjunto de planejamento e resolução de problemas: planejamento sistemático, resolução de problemas.
- c. Conjunto de maturidade pessoal: autoconfiança, pericia, reconhecimento das próprias limitações.
- d. Conjunto de influência: persuasão, uso das estratégias de influência
- e. Conjunto da gestão e controle: agressividade, controle.
- f. Conjunto da disponibilidade para os demais: credibilidade, integridade e sinceridade; predisposição para o bem-estar dos empregados; reconhecimento da importância das relações comerciais.

No entanto, Dolabela (2003) afirma que os objetivos da Educação para o Empreendedorismo são: incentivar, sensibilizar, potenciar e integrar o desenvolvimento do espírito empreendedor em cada aluno, em cada atividade, em cada desafio, em cada

disciplina, em cada projeto. A Educação para o Empreendedorismo é um ensino transversal para a vida, centrado na ação, focalizado no processo e nos resultados, coerente e constante, integrado multidisciplinarmente, contextualizado, auto-construído pelos alunos, e não um ensino de gestão empresarial, centrado nos saberes, focalizado nas tarefas, esporádico e inconstante, isolado disciplinarmente, descontextualizado, apenas “fornecido” pelos agentes de ensino.

O aluno “pré-empresendedor” precisa ser submetido a situações similares àquelas que encontrarão na prática. O processo de aprendizagem do empreendedor, na pequena empresa, é essencialmente baseado em ações. Ele aprende (se alimenta) continuamente, se pára de aprender, pára de ter sucesso. Segundo Gibb (1992) apud Dolabela (1990:115), o empreendedor aprende:

- solucionando problemas;
- fazendo sob pressão;
- interagindo com os pares e outras pessoas;
- através de trocas com o ambiente;
- aproveitando oportunidades;
- copiando outros empreendedores;
- pelos próprios erros: é uma área em que se podem cometer erros (pequenos), porque há liberdade;
- através do *feedback* dos clientes.

Neste contexto, observa-se que o ensino do empreendedorismo no Brasil tem um caráter inovativo, de mudança de paradigma, onde os papéis dos sujeitos do processo de ensino/aprendizagem devem ser repensados no intuito de buscar um novo comportamento com foco empreendedor. Portanto, as escolas devem desenvolver novas práticas pedagógicas com vistas a promover a cultura empreendedora no ambiente escolar.

2.5 Práticas Pedagógicas para Desenvolver a Cultura Empreendedora

Libaneo (2008) define Pedagogia como a teoria e a prática da educação. A educação é uma ação e um processo de formação pelo qual os indivíduos podem integrar-se criativamente na cultura em que vivem. (...) A Pedagogia é uma ciência da formação humana.

A Pedagogia situa-se entre as ciências que dão o suporte teórico a essa vias de acesso; entretanto, distingue-se delas por ter a tarefa de integrar os enfoques parciais do fenômeno educativo para analisá-lo em sua globalidade. Além disso, há múltiplas modalidades de prática educativa, portanto, muitas formas de intervenção pedagógica, tais como a Pedagogia familiar, a Pedagogia profissional, a Pedagogia social, a Pedagogia escolar. (LIBÂNEO, 2008: 162)

Zabala (1998) diz que do conjunto de relações interativas necessárias para facilitar a aprendizagem se deduz uma série de funções dos professores, que tem como ponto de partida o próprio planejamento, mostrando assim como o resultado de boa aula depende de um bom planejamento, uma aula preparada com antecedência terá um aproveitamento melhor por parte dos alunos. No entanto, Zabala caracteriza essas funções da seguinte maneira:

- a) Planejar a atuação docente de uma maneira suficientemente flexível para permitir a adaptação às *necessidades dos alunos* em todo o processo de ensino/aprendizagem.
- b) Contar com as *contribuições e os conhecimentos* dos alunos, tanto no início das atividades como durante sua realização.
- c) Ajudá-los a *encontrar sentido* no que estão fazendo para que conheçam o que têm que fazer, sintam que podem fazê-lo e que é interessante fazê-lo.
- d) Estabelecer *metas ao alcance dos alunos* para que possam ser superadas com o esforço e a ajuda necessários.
- e) Promover *atividade mental auto-estruturante* que permita estabelecer o máximo de relações como o novo conteúdo, atribuindo-lhe significado no maior grau possível e fomentando os processos de meta-cognição que lhe permitam assegurar o controle pessoal sobre os próprios conhecimentos e processos durante a aprendizagem.
- f) Oferecer *ajudas adequadas*, no processo de construção do aluno, para os progressos que experimenta e para enfrentar os obstáculos com os quais depara.
- g) Estabelecer um ambiente e determinadas relações presididos pelo respeito mútuo e pelo sentimento de confiança, que promovam a *auto-estima* e o *autoconceito*.
- h) Promover *canais de comunicação* que regulem os processos de negociação, participação e construção.
- i) Potencializar progressivamente a *autonomia* dos alunos na definição de objetivos, no planejamento das ações que os conduzirão a eles e em sua realização e controle, possibilitando que aprendam a aprender.
- j) Avaliar os alunos *conforme suas capacidades e seus esforços*, levando em conta o ponto pessoal de partida e o processo através do qual adquirem conhecimento e incentivando a auto-avaliação das competências como meio para favorecer as estratégias de controle e regulação da própria atividade. (ZABALA, 1998: 92)

Na Pedagogia Empreendedora, a ênfase no auto-aprendizado não diminui o âmbito de ação do educador. Pelo contrário, aumenta sua importância, já que cabe a ele ampliar as referências e fontes de aprendizado e redefinir o próprio conceito de saber. O que muda em relação ao ensino convencional é a posição do professor como detentor do saber, assim como as estratégias para aquisição do saber empreendedor. (DOLABELA, 2003, p.103)

Ainda segundo Dolabela, a pedagogia empreendedora não cria a necessidade de especialistas para a sua inserção no sistema regular de ensino, ao contrário, ela é disseminada por meio da preparação de docentes que já participam da rede formal implantada, assim, o agente da pedagogia empreendedora é o professor. É ele quem irá preparar um ambiente favorável para o aluno construir seu próprio saber empreendedor. O papel do professor seria criar situações de desequilíbrio nas relações do aluno com o mundo, através de perguntas, desafios, questionamentos e ao mesmo tempo oferecer o apoio necessário para que ele, diante de conflitos cognitivos, desenvolva uma ação auto-organizadora. (DOLABELA, 2003, p.104)

Portanto, a fonte de conhecimentos do indivíduo é a própria relação dele com o meio em que vive, com o mundo e com tudo que decorre daí, ou seja, as relações pessoais, meio ambiente, capacidade de imaginar e criar, de buscar e assimilar informações, capacidade de mudança, aprender errando e não desanimando.

Atualmente a escola busca propiciar um ambiente favorável para que o aluno aprenda. Portanto, o professor deve ser o mediador no momento da aprendizagem, não entregando nada pronto, mostrando ao aluno que ele é capaz e que vai conseguir alcançar o seu objetivo. Para isso o professor também deverá ser empreendedor em sala de aula, não só transferindo

informações, mas desenvolvendo potenciais, levando em conta a visão de mundo e a realidade de cada aluno.

Segundo Dolabela (2003), na Pedagogia Empreendedora o professor estará se envolvendo em uma estratégia de ensino/aprendizagem com as seguintes características:

- 1- *Formação de valores. A Pedagogia Empreendedora não supõe que os conteúdos se restrinjam a conceitos científicos, nem afirma que as competências e habilidades servem exclusivamente para aprendê-los. Ela está preocupada também e principalmente com a formação de valores.*
- 2- *Saber ser. O professor será envolvido no processo, desenvolvendo uma nova visão da aquisição do saber, construída a partir da emoção e de propostas básicas apresentadas pelos alunos.*
- 3- *Valores para a comunidade. Ao reconhecer a coletividade como alvo do saber empreendedor, o professor estará atravessando a ponte que proporciona a transformação do saber em valor para a comunidade.*
- 4- *Formação de capital humano e social. Ao endereçar o saber à construção de si mesmo e do outro, o professor estará se envolvendo em processos que visam o desenvolvimento humano. Ao admitir a comunidade como uma das principais fontes de conhecimento e de oferta de modelos para os alunos, o professor estará ampliando a sua compreensão sobre o papel da comunidade e construindo um entendimento sobre a formação do que se chama capital social.*
- 5- *Professor empreendedor. Ao chamar a comunidade a participar do processo educacional, o professor estará formando e fortalecendo a sua rede própria de relações, desenvolvendo também a sua capacidade de empreender.*
- 6- *Construção de cooperação. Ao se integrar à comunidade, de forma intensa, o professor estará construindo a sua competência para cooperar e gerar cooperação, o que é fundamental para o desenvolvimento humano e formação do capital social.*
- 7- *Mestre aprendiz. O aluno irá gerar um conhecimento específico, representando pela formulação do seu sonho e do “trabalho” empregado na tentativa de sua realização, ao qual o professor terá acesso de forma privilegiada.*
- 8- *Recriação humana. Ao implementar a Pedagogia Empreendedora, o professor terá a oportunidade de recriá-la, moldando-a às peculiaridades dos públicos interno e externo que serão alvo de sua aplicação e, com isso, estará desenvolvendo a sua criatividade, aplicando conhecimentos, enfrentando desafios. Enfim, estará aprendendo. (DOLABELA, 2003: 106-107)*

Ainda segundo este mesmo autor, várias ações apresentam resultados positivos na aplicação da Pedagogia Empreendedora, entre elas estão algumas que irão ajudar os professores nos trabalhos com os alunos. Como, por exemplo, eliminação de aulas expositivas, buscar palestrantes que narrem os sonhos que conduziram a experiências empreendedoras, ver a ação empreendedora em todas as atividades humanas, desenvolver processos de construção e manutenção da auto-estima, explicitar os vínculos do saber empreendedor apoiando a inserção transversal de conteúdos empreendedores, utilizar perguntas de estímulo e aumentar a capacidade de perceber diversidades afastando a dicotomia certo-errado. No entanto, Dolabela (2003) afirma que deve-se evitar a avaliação exógena e que o professor deve assumir uma atitude não intervencionista. Mas o professor não deve esquecer o seu papel de condutor e mediador do processo ensino/aprendizagem.

- *Eliminar, sempre que possível, aulas expositivas, adotando estratégias que representem a realidade que se quer abordar. A utilização intensiva de recursos teatrais, jogos, filmes, notícias, dinâmicas, biografias, depoimentos em sala de aula, trarão vida aos encontros, descortinando ricas oportunidades do saber empreendedor.*
- *Convidar pessoas da comunidade para narrar os seus sonhos.*
- *Pedir que os alunos narrem os processos que desenvolveram para sonhar e buscar a realização do sonho.*
- *Estimular a auto-avaliação e evitar a avaliação exógena. Somente o sonhador pode avaliar se o seu sonho pode provocar a sua auto-avaliação. O professor deve assumir uma atitude de não-intervenção no sonho, qualquer que seja ele. Na análise ética, o aluno deve, através de discussões abertas, formar a sua própria consciência e ser capaz de fazer as suas opções.*
- *Entender a ação empreendedora como presente em qualquer ação humana. A criação de uma empresa é uma das incontáveis formas de materializar o espírito empreendedor. Tratar o empreendedorismo como forma de ser, não importa a atividade que a pessoa escolher.*
- *Tomar o sonho individual como central no processo de educação. Tanto para o ser como para o saber. O ato de sonhar é o fundamento da Pedagogia Empreendedora. A busca de realização do sonho gera a dinâmica pedagógica.*
- *Desenvolver processos de permanente construção e manutenção de altos níveis de auto-estima, indispensáveis ao empreendedor. Desenvolver a crença na capacidade de intervenção no mundo, de dinamizar os próprios potenciais de forma independente. Desenvolver a noção de que a capacidade política de introduzir mudanças com vistas à melhoria da qualidade de vida está em cada um, agindo em cooperação coletiva.*
- *Apoiar a inserção transversal do conteúdo empreendedor, fazendo com os diversos conteúdos curriculares (disciplinas), em todas as séries, explicitem os seus vínculos com o saber empreendedor.*
- *Utilizar a pergunta como estímulo ao entendimento e à compreensão; evitar dar respostas.*
- *Ampliar as fontes de aprendizado, os referenciais de comparação, aumentar a capacidade de perceber a diversidade, de perceber além dos modelos e dos paradigmas.*
- *Afastar-se, sempre que possível, da dicotomia “certo-errado”, evitar a busca de absolutos, de verdades soberanas. (DOLABELA, 2003, 109-110)*

De acordo com Rego (1999), Vygotsky afirma que é importante e necessário o educador saber trabalhar conceitos em sala de aula, pois os conceitos são determinados por um processo histórico cultural, ou seja, são como um sistema de relações e generalizações contido nas palavras. Estes conceitos são tratados em sua teoria como científicos e cotidianos.

Esta base teórica mostra como é importante a pedagogia empreendedora nas escolas, a relação professor/aluno é muito diferente da tradicional, nesta pedagogia o aluno é estimulado a buscar novos conhecimentos, a ser criativo, independente, a não receber o conteúdo das disciplinas pronto e que vale a pena sonhar e tornar o sonho em realidade. Vale destacar, que neste processo o papel do professor deve ser diferenciado como ilustra as teorias de aprendizagem de Perrenoud, Vygostky, Libâneo e a abordagem da aprendizagem significativa de Auzubel.

Segundo Pelizzari et al (2002) a teoria da aprendizagem de Ausubel propõe que os conhecimentos prévios dos alunos sejam valorizados, para que possam construir estruturas mentais utilizando, como meio, mapas conceituais que permitem descobrir e redescobrir outros conhecimentos caracterizando, assim, uma aprendizagem prazerosa e eficaz.

Segundo Ausubel (1978), a aprendizagem significativa no processo de ensino necessita fazer algum sentido para o aluno e, nesse processo, a informação deverá interagir e ancorar-se nos conceitos relevantes já existentes na estrutura do aluno. Ele entende que a aprendizagem significativa se verifica quando o banco de informações no plano mental do aluno se revela, através da aprendizagem por descoberta e por recepção. O processo utilizado para as crianças menores é o de formação de conceito, envolvendo generalizações de interesses específicos para que, na idade escolar já tenham desenvolvido um conjunto de conceitos, de modo a favorecer o desenvolvimento da aprendizagem significativa. Esses conceitos deverão ser adquiridos através de assimilação, diferenciação progressiva e reconciliação integrativos de conceitos.

3 METODOLOGIA

3.1 Caracterização da Pesquisa

A metodologia é a explicação minuciosa, detalhada, rigorosa e exata de toda a ação desenvolvida no método de trabalho de pesquisa. É a explicação do tipo de pesquisa, do instrumento utilizado, do tempo pretendido, da equipe de pesquisadores e da divisão do trabalho, das formas de tabulação e tratamento de dados. (BELLO, 2004)

Metodologia é o trabalho dos métodos, e esse, é a ordem que se seguiu na investigação da verdade, no estudo de ciência ou para alcançar determinado fim, raciocínio utilizado para se chegar ao conhecimento. (BUENO apud ZUANY, 2006). A função da metodologia é mostrar ao pesquisador como andar no “caminho das pedras” da pesquisa, é ajudar o pesquisador a refletir e instigar um novo olhar sobre o mundo: um olhar curioso, indagador e criativo. (SILVA apud ZUANY, 2006)

Segundo Marconi e Lakatos (2003), o método científico é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permitem alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros – traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.

Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos. A investigação de estudo de caso enfrenta uma situação tecnicamente única em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados, e, como resultado, baseia-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo, e, como outro resultado, beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para conduzir a coleta e a análise de dados. (YIN, 2005: 32 - 33).

Para este mesmo autor, o estudo de caso como estratégia de pesquisa compreende um método que abrange tudo – tratando da lógica de planejamento, das técnicas de coleta de dados e das abordagens específicas à análise dos mesmos. Nesse sentido, Stoecker (1991) afirma que o estudo de caso não é nem uma tática para a coleta de dados, nem meramente uma característica do planejamento em si, mas uma estratégia de pesquisa abrangente.

Para Gil (2009: 54), o estudo de caso é “uma modalidade de pesquisa muito utilizada nas ciências biomédicas e sociais e consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”.

Nas ciências, durante muito tempo, o estudo de caso foi encarado como procedimento pouco rigoroso, que serviria apenas para estudos de natureza exploratória. Hoje, porém, é encarado como o delineamento mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, onde os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente percebidos (YIN, 2001).

Segundo Gil (2009), a crescente utilização do estudo de caso no âmbito das ciências tem diferentes propósitos, tais como: explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; preservar o caráter unitário do objeto estudado; descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; formular hipóteses ou desenvolver teorias; explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos.

Segundo Yin (2005:20), utiliza-se o estudo de caso em muitas situações, “para contribuir com o conhecimento que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais, políticos e de grupo, além de outros fenômenos relacionados”.

O estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos acontecimentos da vida real – tais como, ciclos de vida individuais, processos organizacionais e administrativos, mudanças ocorridas em regiões urbanas, relações internacionais e a maturação de setores econômicos. (YIN, 2005)

Diante do exposto, optou-se pelo método do estudo de caso para realização desta pesquisa. Além da aplicação de questionários junto aos egressos do curso técnico em agropecuária e aos professores da instituição, realizou-se um levantamento de dados secundários na secretaria de registros escolares e no CIEC. Foi solicitado a estes setores da instituição, informações sobre os docentes e discentes para a caracterização do público alvo da pesquisa e para obtenção de informações sobre a instituição em si e seus departamentos.

O instrumento de pesquisa selecionado foi o questionário, devido a vários fatores como: anonimato dos participantes da pesquisa, facilidade de envio do instrumento para os respondentes e o contato com os mesmos.

Segundo Marconi e Lakatos (2005), o questionário precisa ser testado antes de sua utilização definitiva em um público compreendido entre 5% e 10% do tamanho da população estudada. Antes da aplicação definitiva do questionário foi feito um pré-teste com alunos, professores e egressos da instituição, mas que não fazem parte da pesquisa final. A idéia era verificar a compreensão das perguntas e a necessidade de ajustar as mesmas.

A aplicação do pré-teste foi feita pelo próprio pesquisador, o questionário foi encaminhado aos professores pessoalmente e via correio eletrônico. Para os egressos foi feita por meio de correio eletrônico e correios. Responderam o pré-teste 03 professores e 02 egressos.

3.2 Caracterização do Público Participante do Estudo

Até 2007, a instituição oferecia 90 vagas distribuídas em 02 turmas de Agropecuária concomitantes com o Ensino Médio, ou seja, o aluno podia fazer o ensino médio em outra escola ou na própria instituição da pesquisa, era um turno para o técnico e outro para o médio. A partir de 2008 são oferecidas 45 vagas para o Curso Técnico Integrado em Agropecuária, a matriz é integrada, ou seja, as disciplinas técnicas e do ensino médio são integradas, o aluno tem que cursar todas as disciplinas dentro da instituição, as disciplinas são anuais e quando há uma reprovação em uma disciplina o aluno é reprovado na série toda, não em módulos.

O público investigado é composto por docentes da instituição ligados ao curso e por egressos do Curso Técnico em Agropecuária. A instituição possui 80 professores que lecionam tanto nos cursos técnicos quanto na graduação. O questionário foi enviado para 45 professores, 55% e destes 23 professores responderam.

Houve uma grande dificuldade na aplicação do questionário para os egressos. Depois de um levantamento na Coordenação de Integração Escola-Comunidade, CIEC, foi enviado o questionário para 45 egressos via correio eletrônico. Destes, somente 05 retornaram o questionário respondido. Numa segunda tentativa, depois de uma pesquisa na Secretaria de Registros Escolares foi feita uma seleção com os alunos que ingressaram nos anos de 2005 e 2006 no Curso Técnico em Agropecuária. Na turma de 2005 ingressaram 89 alunos, 54 evadiram, 34 concluíram o curso e 01 ainda está cursando. Na turma de 2006 ingressaram 87 alunos, 44 evadiram, 36 concluíram e 02 fizeram o trancamento.

Para a pesquisa foram selecionados aleatoriamente 45 alunos, mas somente 04 devolveram o questionário respondido, 03 envelopes foram devolvidos pelos Correios e o restante não houve resposta. No total foram apenas 16 questionários respondidos. Tive uma grande dificuldade para aplicar o questionário, foram feitos vários contatos, inclusive por telefone, mas muitos não retornaram.

3.3 Caracterização do Questionário

Foram aplicados dois questionários diferentes na pesquisa de campo. O Questionário 1 foi aplicado aos docentes e o Questionário 2 foi aplicado aos discentes. Foi elaborado um texto no início de cada questionário, com identificação e orientação, com o objetivo de facilitar o preenchimento pelos participantes.

Os dois questionários possuem várias perguntas semelhantes, mas mesmo assim foi necessária a criação de questionários distintos para os dois grupos. Isso porque o questionário de docentes aborda questões sobre as práticas pedagógicas adotadas nas disciplinas, grau de interesse dos alunos pela disciplina e entre outros aspectos inerentes à interdisciplinariedade e o empreendedorismo no ensino. O questionário de docentes possui 15 questões (Anexo 1). No questionário de discentes são abordadas questões sobre a visão empreendedora, formação educacional e atuação profissional. Sendo que este instrumento tem 30 questões (Anexo 2). Em ambos os casos, algumas perguntas eram fechadas e outras abertas, para os respondentes expor sua opinião.

Os dados levantados pelos questionários diziam respeito a:

- Compreensão dos respondentes sobre o termo Empreendedorismo;
- Dados sobre a formação educacional e sua atuação profissional;
- Interesse dos alunos pelas disciplinas;
- Práticas adotadas pelos professores para que o aluno tenha uma visão interdisciplinar ou multidisciplinar dos conteúdos abordados;
- As características empreendedoras mais importantes para solucionar os problemas de gestão;
- Dificuldades na administração de negócios;
- Os conhecimentos adquiridos no curso técnico e o que mais contribuiu para a formação profissional;
- As práticas didáticas e pedagógicas utilizadas pelos professores que mais contribuíram para a formação pessoal.

3.4 Análise e Interpretação dos Dados

Os dados coletados na pesquisa foram classificados e expressos em tabelas, para que fossem analisados e interpretados, para confirmar a suposição desta pesquisa. Os dados secundários foram utilizados para descrever a instituição e permitir avaliar a estrutura curricular e as ementas das disciplinas do curso em questão.

As questões fechadas foram agrupadas para permitir identificar a frequência com que elas apareceram nas diversas perguntas. No entanto, as questões abertas foram analisadas com base no conteúdo descrito pelos respondentes, de acordo com os pressupostos de Bardin (1977). Algumas respostas foram transcritas com o intuito de preservar a essência e estilo do que foi apresentado pelos respondentes.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo aborda os resultados obtidos na pesquisa de campo e a caracterização da instituição pesquisada. Citam-se também os relatos dos entrevistados e a discussão frente à base teórica exposta anteriormente.

4.1 Caracterização da instituição pesquisada

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Rio Pomba está localizado a 5 km do centro urbano de Rio Pomba/MG, no bairro Lindo Vale. A região da zona da mata mineira é formada por 142 municípios agrupados em sete microrregiões geográficas, abrangendo uma área de 35.726 km², com uma população estimada de 1.971.000 habitantes, correspondendo a 11,4% da população total do estado, com uma densidade de 5,2 hab/ km² e representando 9% de participação no PIB estadual. É formada basicamente por mini e pequenos proprietários rurais e/ou agroindustriais, cuja estrutura produtiva está ainda nas atividades de subsistência. A região vem passando por transformações, uma delas é a preocupação de sua infra-estrutura física, a formação de mão-de-obra qualificada, práticas empresariais e a diversificação de seus produtos para atender cada vez mais as demandas crescentes do mercado consumidor.

Segundo dados do IBGE, Rio Pomba situa-se num planalto de 251,76 km², onde predominam terras húmusas, apropriadas à pecuária. Tem uma população de 17.359 habitantes em 2009, um clima ameno com temperaturas máxima e mínima em torno de 36 a 13°C. É uma cidade de fácil acesso por várias rodovias, entre elas a BR 116 e 267.

A primeira denominação foi “Escola Agrícola de Rio Pomba”, criada pela Lei 3092/56 de 29 de dezembro de 1956, publicada no DOU em 02 de janeiro de 1957, subordinada ao Ministério da Agricultura e utilizava as terras e benfeitorias do Departamento Nacional de Produção animal e da Estação Experimental de Fumo do Serviço Nacional de pesquisas Agronômicas.

A antiga Escola Agrotécnica Federal de Rio Pomba, hoje IF Sudeste MG Campus Rio Pomba, foi inaugurada no dia 16 de agosto de 1962 pelo deputado Último de Carvalho, atendendo aos anseios políticos, econômicos e sociais vigentes, idealizando-se uma escola voltada para as necessidades do meio rural, numa metodologia adaptada ao sistema escola-fazenda. Nesta época o acesso à educação era muito difícil, filhos de proprietários rurais almejavam cursar o antigo ginásio e havia poucas escolas na região, eles não tinham condições financeiras para estudarem fora da cidade, com isso, a criação desta instituição veio justamente proporcionar a esses jovens a escolarização tão desejada.

Ao longo de sua trajetória o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia passou por várias transformações:

- Ginásio Agrícola de Rio Pomba, em 13 de dezembro de 1964 por meio do Decreto nº 53.558/64.
- Colégio Agrícola de Rio Pomba, em 25 de janeiro de 1968 por meio do Decreto nº 62.178/68.
- Escola Agrotécnica Federal de Rio Pomba, em 04 de setembro de 1979, por meio do Decreto nº 83.935.
- Centro Federal de Educação Tecnológica de Rio Pomba em 14 de novembro de 2002.
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Rio Pomba, por meio da Lei nº 11.892/08 de 30 de dezembro de 2008.

A mobilização e democratização do conhecimento, hoje requerida pelo mundo moderno fazem com que a educação tenha um papel de destaque neste processo de crescimento. Em consonância com o desenvolvimento da região, os conteúdos curriculares estão sempre sendo revistos para garantir qualificações que facilitem a colocação desses profissionais no mercado de trabalho que a cada dia se torna mais exigente. É importante ressaltar que os cursos oferecidos no IF Sudeste MG Campus Rio Pomba mantêm a preocupação com a parte ambiental, nos estudos dos impactos ambientais das agroindústrias e produção agropecuária em geral. O profissional que o IF Sudeste MG Campus Rio Pomba forma traz embutido nos conhecimentos científicos, uma formação cidadã baseada nos princípios do desenvolvimento sustentável.

No Campus Rio Pomba a agricultura extensiva provocou mudanças significativas nos arranjos do trabalho e emprego no campo. As inovações científicas e tecnológicas, representadas pelas máquinas e insumos agrícolas importados, foram introduzidas e incorporadas, contribuindo para diminuir o número de trabalhadores permanentes com a mecanização da lavoura.

Atualmente mudou muito, além da formação geral, a instituição oferece disciplinas técnicas e práticas que contribui para uma a preparação dos alunos para o mercado de trabalho. Eles participam de simpósios, palestras, semana técnica, visitas técnicas e estágios. Quando termina o curso, a maioria dos alunos está empregada nas mesmas empresas e fazendas que fizeram os estágios.

No IF Sudeste MG – Campus Rio Pomba existe uma empresa júnior, chamada ATEC – Jr que foi criada em 01 de agosto de 2000 e oficializada em setembro de 2008. Ela é formada por alunos dos cursos técnicos do Campus Rio Pomba, que após alguns contatos com alunos de outras instituições viram a importância da mesma na região. Definida por estatuto como “Associação civil sem fins lucrativos”, a empresa é constituída e gerida por alunos de habilitação técnica com o apoio de alguns professores. Um dos principais objetivos da ATEC é fornecer assistência técnica aos pequenos produtores e empresários, preparando os alunos da instituição para o mercado de trabalho, são oferecidos também mini-cursos e palestras aos alunos e produtores para que possam aprimorar seus conhecimentos. Os alunos desenvolvem projetos em parcerias com produtores rurais, prefeituras, entidades filantrópicas, etc. Há também uma empresa júnior chamada PROLATIS, que envolve os alunos do curso superior de Laticínios. Esta desenvolve também projetos junto aos produtores rurais e pequenos laticínios da região.

No ano de 2004 foi criada a primeira incubadora de empresas dentro da instituição. Naquela época, ainda CEFET, o convênio foi feito entre o Centro Federal de Educação Tecnológica de Rio Pomba com a Empresa Carlos Augusto Bandeira Moraes-ME, com interveniência da Fundação de Apoio ao Ensino Tecnológico e Profissionalizante de Rio Pomba (FUNDEP). A parceria teve início no dia 01 de maio de 2004 e com o término em 01 de maio de 2006.

O CEAGRO era formado por um grupo de servidores entre professores e técnicos administrativos indicados pela direção. O objetivo do convênio era o apoio e suporte oferecidos pelo Centro de Incubação e Parcerias do Agronegócio do CEFET Rio Pomba – CEAGRO à empresa, para o desenvolvimento e aperfeiçoamento de seu empreendimento de base tecnológica.

Pelo convênio o CEAGRO deveria acompanhar, assessorar e incentivar a empresa, oferecendo serviços de apoio ao Sistema de Incubação Compartilhado (recepção, limpeza e telefonia local), pessoal capacitado para executar o serviço de apoio, as instalações, monitorar os Planos de Ação periódicos que promovam o desenvolvimento da Empresa Incubada, objetivando o desenvolvimento e aperfeiçoamento dos produtos da empresa. A função da empresa era participar dos cursos de capacitação, palestras e demais eventos oferecidos pelo

CEAGRO, produzir e comercializar os produtos, devendo também repassar um percentual de a 0,5% do faturamento mensal bruto ao CEAGRO durante a vigência do convênio, e o mais importante de tudo, receber alunos do campus para estagiarem na empresa em todos setores, levando para a prática o que aprendiam em sala de aula. Mas, infelizmente, esta parceria não deu certo, estando desativado até hoje este tipo de convênio dentro da instituição.

4.2 Análise dos dados da pesquisa de campo

A idade média entre os egressos varia de 20 até 48 anos, ou seja, uma variação muito grande no tempo de atuação de cada um no mercado de trabalho, fazendo assim uma análise sobre a formação empreendedora nas mais variadas idades. Com os docentes o tempo deles na instituição varia de 3 meses a 18 anos de experiência.

Na pesquisa com egressos observou-se que a formação profissional deles mudou muito depois do curso técnico. Dos 16 investigados, 10 não fizeram curso superior, 05 têm curso superior completo e 01 está cursando. A formação deles é em diferentes áreas do conhecimento: Ciências Econômicas, Agroecologia, Direito, Medicina Veterinária, Zootecnia, Tecnólogo em Laticínios, História e Informática.

Tabela 1. Técnicos egressos com formação superior

Curso	Formação superior			Área da pós-graduação
	Graduando	Graduado	Pós-graduação	
Agroecologia	1	0	0	
Ciências Econômicas	0	1	2	Adm. Financeira / Adm. Rec. Humanos
Direito	0	1	0	
História	0	1	0	
Informática	0	2	0	
Laticínios	0	1	1	Gestão de Empresas
Letras	0	1	1	Letras
Veterinária	1	0	0	
Total	2	7	4	

Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

Quando perguntados se empreenderam algum negócio, 5 responderam que sim, 10 responderam que não e 1 não respondeu. Destes 4 empreenderam 1 vez e 01 empreendeu 2 vezes. Os 5 egressos que empreenderam disseram que foram motivados pela necessidade, pois precisavam trabalhar e obter renda que demonstram isto. Quando perguntados se trabalharam como empregados 8 responderam que sim, 7 responderam que não e 01 não respondeu.

Tabela 2. Opções de empreendimentos dos egressos

Egresso	Assalariado	Sector	Empreendedor	Empreendimentos	Área
1	Sim	Pv.	não		
2	Sim	Pb.	não		
3	Sim	Pv.	não		
4	Não	Pv.	não		
5	Sim	Pb.	Nh.		
6	Sim	Pv.	não		
7	Sim	Pb.	não		
8	Sim	Pv.	não		
9	Não	Nh.	sim	2	Vidraçaria / Agropecuária
10	Sim	Pv. / Pb.	sim	1	Agropecuária / Agroindústria
11	Não	Pv. / Aut.	não		
12	Sim	Pv.	sim	1	Advocacia
13	Sim	Pv. / Pb.	sim	1	Jardinagem e comércio de mudas
14	Sim	Pv. / Aut.	sim	1	Agropecuária
15	Sim	Pv.	não		
16	Sim	Pv.	não		

Onde: Pv. = Privado; Pb. = Público; Aut. = Autônomo; Nh. = Nenhum.

Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

As tabelas a seguir apresentam os resultados e as opiniões dos respondentes. A Tabela 3 mostra se o respondente conhece o significado do termo empreendedorismo. Entre os docentes, 75% disseram que conhecem o termo e 50% dos egressos também disseram que conhecem o termo empreendedorismo.

Tabela 3. Conhecimento do significado do termo empreendedorismo.

Público	Quantidade por nível de conhecimento			Total
	Sim	Não	Um pouco	
Docentes	17	0	6	23
Egressos	8	0	8	16

Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

De acordo com a Tabela 4, as características empreendedoras que os respondentes consideram mais importantes para solucionar os problemas de gestão das novas empresas foram o compromisso e determinação, ter iniciativa e agir, motivação, criatividade, autoconfiança, inovação, liderança. Além disso, 13% dos docentes e 31% dos discentes disseram que saber ouvir, ter capacidade de planejamento, boa comunicação e conhecimento técnico de gestão também são características empreendedoras importantes para gerir uma empresa com competência. Segundo Dolabela (2003) entre as características do empreendedor, é importante ressaltar princípios éticos, a preocupação com o desenvolvimento contínuo, a autocrítica, a ousadia para inovar, a dedicação no trabalho, a perseverança, a criatividade, a busca de oportunidade e iniciativa, a persistência, o comprometimento, a independência e autoconfiança.

Tabela 4. Opinião dos egressos e docentes quanto às características empreendedoras para solução dos problemas de gestão nas empresas.

Características	Docentes	%	Discentes	%
Liderança	13	57%	14	88%
Motivação	17	74%	12	75%
Superação	5	22%	10	63%
Compromisso e determinação	18	78%	12	75%
Propensão de assumir riscos	12	52%	6	38%
Criatividade	14	61%	11	69%
Autoconfiança	13	57%	9	56%
Habilidade de adaptação	11	48%	7	44%
Ter iniciativa e agir	18	78%	10	63%
Inovação	12	52%	12	75%
Orientação a metas	11	48%	8	50%
Outras:	3	13%	5	31%
Total de investigados	23	100%	16	100%

Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

A Tabela 5 mostra a opinião dos 23 docentes e 16 egressos sobre as dificuldades mais significativas encontradas na administração de uma empresa. Pelos dados observou-se que a maioria dos docentes e egressos concordam que a falta de planejamento, desconhecimento de técnicas para resolução dos problemas, administração de pessoal, saber ouvir e captar informações, nível de formação profissional do pessoal, falta de capital, liderança e trabalho em equipe são as principais dificuldades para administrar uma empresa, pois para que a empresa produza é necessário tudo isso, planejar, ter capital, mão-de-obra qualificada, um bom trabalho em equipe, onde tenha uma troca de informações juntamente com aquisição de novos conhecimentos. Um pesquisado declara que a falta de um curso de administração de negócios, um planejamento estratégico, um conhecimento do mercado onde atua e a falta de motivação de toda a equipe de trabalho também são algumas das dificuldades encontradas para administrar uma empresa.

A principal dificuldade, falta de planejamento, também foi observada nos estudos de Dias et al (2008) ao se analisar um grupo de empreendedores ganhadores do Top Empresarial, no estado do Rio de Janeiro, em 2007. De forma similar, os estudos de Zuany et al (2010) que também constataram tal fato ao levantarem as opiniões dos proprietários, gerentes e encarregados de empresas de mineração do setor de rochas ornamentais do Espírito Santo.

Tabela 5. Opinião dos entrevistados quanto às dificuldades encontradas na administração de uma empresa.

Dificuldades	Docentes	%	Egressos	%
Falta de planejamento	23	100%	7	44%
Aquisição de matéria-prima	1	4%	3	19%
Desconhecimento de técnicas para resolução dos problemas	16	70%	5	31%
Equipamentos de baixa qualidade	1	4%	5	31%
Gerenciamento de vendas	11	48%	4	25%
Administração de pessoal	14	61%	5	31%
Saber ouvir e captar informações	9	39%	5	31%
Nível de formação profissional do pessoal	10	43%	5	31%
Falta de capital	12	52%	7	44%
Liderança e trabalho em equipe	10	43%	7	44%
Construção de equipes de trabalho	10	43%	3	19%
Outras	1	4%	0	0%
Total de investigados	23	100%	16	100%

Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

As características que os docentes e os egressos consideraram mais importantes em uma pessoa empreendedora foram o compromisso e determinação, motivação, ter iniciativa e agir, saber inovar (Tabela 6). Além dessas, os professores disseram que a pessoa para se empreendedora ela precisa também de espírito de liderança, criativa, autoconfiança, ou seja, a pessoa precisa ser determinada, saber o que quer, ter liderança diante de todos os envolvidos no negócio, ser criativo para criar alternativas para melhor desenvolver o negócio e acima de tudo ter autoconfiança, competência, responsabilidade, conhecimento técnico de gestão, saber ouvir os outros, ter capacidade de planejamento e uma boa comunicação. Acreditar que é capaz e correr atrás do seu sonho.

Enquanto que os egressos afirmaram que o mais importante para uma pessoa com espírito empreendedor é a propensão de assumir riscos, seguida pela liderança, motivação, compromisso, determinação, se orientando por metas, criatividade, autoconfiança, inovação, ter iniciativa e agir. Ou seja, tudo isso é fundamental para que um determinado negócio prospere, assumindo riscos, mas determinados a atingir as metas propostas inovando a cada dia.

Estes resultados são semelhantes aos resultados encontrados no estudo sobre competências empreendedoras e intraempreendedoras que deverão fazer parte na elaboração do Plano de Curso de uma disciplina em Gestão Empreendedora que integra a matriz curricular dos cursos técnicos. Nesta pesquisa constatou-se que as características empreendedoras consideradas mais importantes para solucionar os problemas de gestão nas empresas são: comprometimento e determinação, liderança, proatividade, ter iniciativa e agir, e também inovação. (ZUANY at al, 2008)

Tabela 6. Características de uma pessoa empreendedora

Características	Docentes	%	Egressos	%
Liderança	12	52%	15	94%
Motivação	16	70%	12	75%
Superação	5	22%	10	63%
Compromisso e determinação	18	78%	12	75%
Propensão de assumir riscos	11	48%	16	100%
Criatividade	13	57%	11	69%
Autoconfiança	13	57%	9	56%
Habilidade de adaptação	11	48%	7	44%
Ter iniciativa e agir	17	74%	10	63%
Inovação	12	52%	12	75%
Orientação a metas	10	43%	13	81%
Outras	3	13%	1	6%
Total	23	100%	16	100%

Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

Foi feita a seguinte pergunta aos docentes: Você acredita que a vivência e prática do aluno na empresa júnior contribui para a edificação de um espírito empreendedor nos alunos? Como e por quê? Dos 23 pesquisados todos concordaram e responderam que sim, com alguns comentários que foram transcritos a seguir:

“Porque a empresa júnior trata da disciplina de empreendedorismo na prática, proporcionando ao aluno uma vivência de empresa.” (Docente 21)

“Este tipo de organização é muito importante, pois facilita o processo de compreensão do aluno de como funciona o mercado e as relações interpessoais no mundo do trabalho.” (Docente 20)

“Através do contato direto com o mercado de trabalho, no caso dos cursos técnicos da área agrícola, com os produtores.” (Docente 18)

“A experiência que o aluno vivencia antes da prática no mercado de trabalho é essencial para que construa conceitos sobre a realidade e se aproxime do perfil profissional que o mercado demanda. Também é importante para que conheça e avalie o que é ter um negócio próprio, ser empresário e a relação com a questão financeira também é enriquecedora. Em suma o aluno tem a oportunidade de observar os dois lados do mundo dos negócios: empregado e empregador.” (Docente 17)

“Ele participa de uma realidade que a academia não ensina. Ele conhece o problema, planeja, propõe solução e participa de todo o processo. Além disso, ele faz parte de uma organização (a empresa), que tem normas e regras de funcionamento, que estabelece diretrizes, hierarquias, divisões de tarefas e funções, gerenciamento de conflitos pessoais e de trabalho, enfim tem uma experiência de trabalho em equipe, gerencia recursos, assina convênios e sabe como se abre uma empresa, como se cadastra, presta contas, gerencia os recursos obtidos com o trabalho de seus membros.” (Docente 22)

“Aumenta a autoconfiança, cria o espírito de responsabilidade, ajuda na construção de uma visão crítica sobre a profissão e sobre si mesmo, desperta a importância de suas capacidades técnicas e abre as portas do mundo profissional.” (Docente 16)

“Desde que esse aluno participe de fato da empresa júnior, esta pode ser um caminho para despertar o espírito empreendedor em um estudante. Mas é importante destacar que essa realidade pode não ser comum a todos os estudantes que participe de uma empresa júnior, pois a própria natureza e vocação do aluno podem ser um dos requisitos principais para a formação ou para despertar o espírito empreendedor.” (Docente 14)

Outra questão da pesquisa foi sobre a experiência na Incubadora de Empresas para saber se ela contribui com o desenvolvimento do espírito empreendedor e da interdisciplinariedade na educação. Você acredita que a vivência e prática do aluno nas incubadoras de empresas contribui para a edificação de um espírito empreendedor nos alunos? Dos 23 docentes pesquisados, todos responderam que sim, que é um momento onde os alunos aprendem a ter iniciativa, autoconfiança, conhecem as dificuldades encontradas dentro de uma empresa, aprendem a trabalhar em equipe, porque muitos podem achar que é fácil trabalhar em equipe, mas não é, muitos só trabalham sozinhos e não sabem dividir com os colegas uma determinada atividade. Alguns relatos mostram a opinião deles.

“Quando bem estruturadas, abrem caminhos para os alunos colocarem suas idéias em prática e com auxílio dos professores, caminham pelo mundo dos negócios de forma o mais adequado possível.” (Docente 9)

“Participar de experiências em incubadoras pode influenciar positivamente na formação do aluno, haja vista que uma empresa é um ambiente que envolve muitos detalhes. Pode-se evitar assim, riscos de fracassos no futuro.” (Docente 11)

“Qualquer vivência profissional orientada durante a formação é válida.” (Docente 12)

“O trabalho com incubadoras permite aos alunos maior valorização da escola, maior conhecimento da realidade local e da importância do trabalho voluntário. A partir dessas realidade, forma-se o cidadão consciente e ativo.” (Docente 13)

“Pode ser importante, a partir do momento que possibilita ao aluno ainda no banco da universidade praticar alguns conhecimentos discutidos ainda na fase de estudante. No entanto, acredito que o espírito empreendedor, vai depender da capacidade, responsabilidade e envolvimento desse aluno com o seu curso e a vivência efetiva no caso aqui de uma incubadora.” (Docente 14)

“Coloca o aluno em contato com o processo de transformar boas idéias em negócios.” (Docente 16)

Como observou-se na pesquisa, são várias as opiniões dos docentes sobre a importância da atuação numa incubadora de empresas, mas todos concordam que é importantíssima a participação deste aluno, mesmo como membro ou estagiário de uma incubadora de empresas. Pois, a teoria ajuda muito, mas é na prática que o aluno aprende realmente, fortalecendo assim a autoconfiança, a criatividade, o trabalho em equipe e a liderança no grupo. O que pode ser considerado uma aprendizagem ou vivência significativa, conforme postula Auzubel (1978).

Foi perguntado aos docentes qual a importância que eles atribuem ao empreendedorismo na formação técnica. Dos 23 docentes pesquisados, 15 consideram muito importante a formação empreendedora nos alunos, como pode ser observado nos depoimentos abaixo.

Nossa sociedade prepara os jovens para trabalharem em empresas e serem empregados; esta seria uma questão cultural e que também poderia estar associada às constantes alterações (muitas vezes bruscas) nas políticas públicas em nosso país, que levam a maioria das pessoas a procurarem algo mais “seguro” como um emprego com carteira assinada e até, sonhar com aprovação em concurso público, visando além da segurança, a “estabilidade”. Com isto, os jovens não são estimulados a desenvolverem seu potencial empreendedor, o que poderia dar a eles uma qualidade de vida muito melhor. (Docente 8)

O técnico formado deve possuir habilidades para gerir negócios de forma inovadora, propor novos negócios e não ser apenas um profissional “mandado”, que não sabe pensar e tomar iniciativa. (Docente 12)

Acho que o aluno de formação técnica tem que ser capaz de gerir seu próprio negócio. Todo mundo é capaz de abrir seu negócio. A formação técnica não é só para trabalhar especificamente na área. Ela pode dar uma formação empreendedora para o aluno técnico de forma que este possa abrir sua empresa e gerar renda e emprego. (Docente 21)

O empreendedorismo está relacionado ao atributo criatividade. A criatividade é uma característica essencial na formação do técnico. Torná-lo-ia capaz de gerar soluções e novas alternativas, aumentando a competitividade do país e da organização que representa. (Docente 5)

Num mundo competitivo em que vivemos, numa sociedade marcada pelo conhecimento e competência, há que ter e aplicar o espírito empreendedor em todas as situações. (Docente 5)

O empreendedorismo é uma condição para gerenciamento de negócios e carreiras. Portanto, independente da opção profissional do técnico em abrir seu próprio negócio ou partir para o mercado empregador em busca de oportunidade de trabalho, é essencial que o mesmo gerencie seus passos com mais motivação, segurança, e com os conhecimentos necessários para enfrentar riscos no mercado. (Docente 17)

Hoje em dia nossos alunos querem obter a formação para trabalharem em uma empresa e até mesmo fazerem concurso para entrar em um emprego público. A orientação sobre empreendedorismo não é só importante para o aluno formado abrir seu próprio negócio, mas também para terem essa visão empreendedora e aplicá-la no seu local de trabalho também. (Docente 22)

Independente da área de atuação, o técnico deve estar apto a implementar ações para resolver problemas de natureza diversa. Neste contexto, o profissional com o perfil de empreendedor poderá ser um importante aliado ao seu empregador ou poderá lançar-se no mercado com grandes possibilidades de atingir bons resultados. (Docente 16)

É importante desenvolver o espírito empreendedor em nossos alunos, para que diante de um mercado de trabalho tão competitivo tenham condições de se desenvolverem bem em qualquer circunstância. Seja atuando em seus próprios negócios ou trabalhando como empregados, possam demonstrar que tem iniciativa, atitude, responsabilidade e tantas outras qualidades para o sucesso. (Docente 9)

Dos 23 docentes pesquisados, 08 consideram importante a formação empreendedora nos alunos, como demonstra alguns relatos apresentados a seguir.

No caso de escassez de emprego, gerar seu próprio negócio com propósitos de trabalho seria uma alternativa viável. Além disso, devido ao modelo econômico globalizado, as empresas buscam pessoas com visão empreendedora. (Docente 1)

É necessário ter conhecimento técnico para ser empreendedor. (Docente 6)

Considero importante o empreendedorismo na formação técnica uma vez que isso pode despertar nos alunos novas alternativas e oportunidades após sua formação. (Docente 19)

Em toda atividade é importante ter a visão empreendedora, pois assim pode-se modificar e enriquecer a atividade desenvolvida. (Docente 13)

O empreendedorismo tem uma grande importância para todas as pessoas, principalmente na formação profissional, que poderá provocar no indivíduo um diferencial para a competição de mercado. Além disso, a presença da disciplina empreendedorismo na matriz curricular do estudante poderá direcioná-lo melhor nos caminhos a serem percorridos na sua profissão e até mesmo revelar grandes potenciais que ficariam adormecidos caso o assunto não fosse abordado. (Docente 2)

Um pequeno número de docentes não considera tão importante esta formação empreendedora. Pois, eles acreditam que se o aluno não tem o espírito empreendedor, esta será somente mais uma disciplina na matriz curricular, como os relatos a seguir.

A inclusão de uma disciplina voltada para o empreendedorismo num curso técnico pode ser importante para despertar a vocação em alunos que a tenha, no entanto, já para alunos que não tenha essa vocação acredito que seria apenas mais uma disciplina a ser cursada. (Docente 14)

O empreendedor não se cria. É uma qualidade inerente à personalidade de cada um. Nem todos têm em si atitudes empreendedoras. Acredito que grande parte dos Técnicos, mesmo tendo a oportunidade de empreenderem, de buscar o próprio negócio, optariam por um emprego e pela estabilidade desse. Empreender está ligado à gestão, a facilidade de dialogar e administrar, coisas que nem todos estão dispostos a dedicar e saberiam fazer. Mas é preciso informar, incentivar, buscar em cada um seu lado empreendedor, mesmo que isto não venha acontecer. Quem sabe se alguém não descubra em si um possível empreendedor. (Docente 15)

A atuação profissional do técnico é muito condicionada ao ambiente de trabalho e às oportunidades que este ambiente reserva, assim ainda que

seja sempre importante o espírito empreendedor, nem sempre será fundamental na sua atuação. (Docente 3)

Grande parte dos pesquisados concordam que a formação empreendedora nos alunos é fundamental para que eles entrem no mercado de trabalho fortalecidos, criativos, dinâmicos e preparados para enfrentar um mundo totalmente competitivo.

Tabela 7. Importância atribuída pelos docentes ao empreendedorismo na formação técnica.

	Pouco importante				Muito importante		Total
	1	2	3	4	5		
Número de respostas	2	0	5	4	12		23

Fonte: Dados obtidos na pesquisa.

Para saber mais a respeito da percepção dos docentes sobre empreendedorismo, perguntou-se aos respondentes o que eles pensam sobre o aluno abrir seu próprio negócio quando concluir o curso técnico. Dos 23 pesquisados, 15 acham que é uma ótima idéia, desde que o aluno tenha uma boa formação técnica, amadurecimento, experiência sobre o negócio, capital, persistência e uma visão ampla de mercado. Destes, 06 docentes acham que é uma questão muito particular, que vai depender muito de vários fatores, como vocação, capital, amadurecimento, experiência sobre o negócio, qualidade de produtos e serviços. Somente dois não opinaram.

Penso que se estão bem orientados, se tiverem um ensino técnico que desenvolveu seu espírito empreendedor, e que aprenderam muito mais que fazer plano de negócios, que tenham desenvolvido características que os permitam identificar oportunidades, que as possam avaliar e colocar em prática, podem sim conduzir suas vidas e obterem sucesso com seu próprio negócio. (Docente 9)

Acho muito bom, desde que este indivíduo tenha conhecimento técnico, capital e persistência para conduzir a empresa. Do contrario, o seu negócio tem grande chance de não dar certo, já que 80% das empresas deste país fecham no primeiro ano de funcionamento. (Docente 10)

Ao concluir o curso o aluno pode abrir seu próprio negócio. Ele deve ter conhecimento suficiente para assumir um empreendimento, organizá-lo e coordená-lo. (Docente 11)

Acho que é uma das possibilidades da formação técnica. No entanto, acredito que a formação técnica, apenas, não é o suficiente para garantir o sucesso nos negócios. Acredito que o aluno se proponha a este tipo de atividade perceberá rapidamente que a visão de mercado, a gestão e a comercialização de seus produtos também são fundamentais para o sucesso. (Docente 16)

Acho algo maravilhoso! Estimulo muitos alunos a fazerem isto. (Docente 12)

Excelente idéia! Se forem bem orientados e treinados durante seu período na instituição de ensino técnico, acredito que a “livre

iniciativa”poderá dar a eles, melhores oportunidades e uma qualidade de vida profissional e pessoal muito melhor. (Docente 8)

Seria excelente para o desenvolvimento econômico do nosso país, porém, para que isto aconteça, a escola deve prepará-lo e ensinar os caminhos a percorrer, incluindo aí, a criação de um centro de desenvolvimento de projetos, que pode ser sob os moldes do hotel de projetos já existentes em muitas escolas. (Docente 4)

As condições legais, econômicas (taxa de juros) e tributárias para o empreendimento no Brasil não são nada estimulantes. De qualquer forma é importante que o novo profissional tenha em mãos um produto ou serviço realmente inovador, considerando que isso determinaria fortemente a competitividade de sua empresa. No entanto, acho muito recomendável que ele, antes abrir de um negócio, vivencie a experiência de empregado, conhecendo com menor risco as dificuldades de uma organização que atua no mercado, antes de se tornar um empresário. Mas isso é bem relativo, depende muito da capacidade de cada indivíduo. (Docente 5)

Vejo isto de uma maneira muito tranquila. Acho que todos devem buscar a realização pessoal e o sucesso em sua profissão. Se um aluno apresentar disposição para o empreendedorismo, é dever da Escola trazer e colocar a disposição desse informações que possam facilitar e informar os passos para abrir o seu negócio. Onde a importância das “feiras de ciências”, das “semanas técnicas” no incentivo à criação. Agrega conhecimento e aguça a percepção dos alunos. São precursores de atitudes transformadoras, que dão origem a projetos e a vontade de produzir aquilo que se imaginou e idealizou, surgindo assim o empreendedor. (Docente 15)

Penso ser interessante somente para aqueles que possuem alguns pré-requisitos necessários para tal, como exemplo posso citar: conhecimento aprofundado da área de negócio, recurso financeiro disponível, estudo de mercado, qualidade de produtos e serviços, etc. (Docente 2)

Para a ocorrência desse fato é imprescindível que o aluno adquira as competências necessárias para tal. (Docente 1)

Além de analisar a experiência com empresa júnior e incubadora de empresas, buscou-se saber também como está sendo o trabalho dos docentes em sala de aula, como estão estimulando seus alunos. Pois, o papel do professor é muito importante, ele é responsável, em parte, pela formação geral deste aluno, para que seja um cidadão responsável, criativo e disposto a inovar diante das mudanças que ocorrem no mundo. Para isso, perguntou-se aos professores sobre as práticas utilizadas em sala de aula para que o aluno tenha uma visão interdisciplinar ou multidisciplinar dos conteúdos abordados. A opinião dos mesmos sobre seu próprio trabalho em sala pode ser ilustrada nos relatos apresentados a seguir.

“Levo-os para visitas técnicas, apresento filmes de práticas de trabalho e debato com eles assuntos atuais do mercado de trabalho.” (Docente 20)

“Diferentes formas de aproveitar matérias-primas, sub-produtos ou co-produtos que muitas vezes não tem ligação com minha disciplina.

Estimulo os alunos com exemplos de trabalhos de consultoria ou assistências que os alunos já podem ficar atentos para atender a demanda de mercado.” (Docente 22)

O que Dolabela (2003) postula sobre Pedagogia Empreendedora, enfatizando o auto-aprendizado não diminui o âmbito de ação do educador. Pelo contrário, aumenta sua importância, já que cabe a ele ampliar as referências e fontes de aprendizado e redefinir o próprio conceito de saber, o que foi observado nestes depoimentos.

Foi perguntado aos docentes as práticas adotadas por eles durante as aulas para que o aluno tenha uma visão interdisciplinar ou multidisciplinar dos conteúdos abordados, as respostas foram variadas, entre elas alguns utilizam as visitas técnicas, seminários, exercícios que estimulem a prática, fazem referências de alguns autores com o conteúdo estudado no momento, trabalhos em equipe que vislumbrem a aproximação do ensino à realidade de mercado. Alguns relatos a seguir mostram a opinião de alguns docentes quanto à prática em sala de aula.

“Exemplos práticos, trabalhos em equipe e etc..., que vislumbrem a aproximação do ensino à realidade de mercado, formando profissionais ajustados à nova ordem econômica mundial.” (Docente 9)

“Eu procuro, sempre que possível, relacionar o assunto com situações práticas, para que ele possa perceber a importância da disciplina na sua formação.” (Docente 10)

“Apresento problemas que envolvem fatos da realidade e não problemas artificiais e descontextualizados. Além disso, não dou o conteúdo pronto e acabado, procuro fazer com que o aluno busque o seu conhecimento.” (Docente 11)

*“Simplesmente procuro estimular para esta visão da multidisciplinaridade dos conteúdos e que precisamos ter a **“visão do todo”** principalmente quando se fala em técnicas de produção. Como exemplo, quando trabalhamos com olericultura, procuro apresentar toda a cadeia de negócios que estão envolvidos naquele segmento e que uma depende da outra para que a produção de hortaliças funcione; o simples fato de se conhecer as técnicas de produção, não garante que o produtor vai ter lucratividade com o negócio e nem que aqueles produtos cheguem ao público interessado em obtê-los (consumidor final).” (Docente 8)*

“Diferentes formas de aproveitar matérias-primas, sub-produtos ou co-produtos que muitas vezes não tem ligação com minhas disciplinas. Estimulo os alunos com exemplos de trabalhos de consultoria ou assistências que os alunos já podem ficar atentos para atender a demanda de mercado.” (Docente 22)

“Buscando dentro da disciplina lecionada (Matemática) trazer exemplos práticos, que levem ao imaginário de como seria se eu (aluno) estivesse à frente daquele negócio, que solução daria para aquele problema.” (Docente 15)

“As disciplinas da área de gestão são sempre muito interativas e fáceis de visualizar na prática no trabalho. No entanto, por características próprias estão interligadas umas as outras. Não há como visualizar um

balanço contábil sem ter noção de economia e administração e assim sucessivamente.” (Docente 17)

“Trazendo exemplos que aborda a importância de se ter um conhecimento mais ampliado do mundo, através de uma visão sistêmica e ampliada da sociedade contemporânea. Além disso, a apresentação de filmes ou documentários que trata de abordagens interdisciplinares ajuda no debate.” (Docente 14)

“Levo-os para visitas técnicas, apresento filmes de práticas de trabalho e debato com eles assuntos atuais do mercado de trabalho.” (Docente 20)

Para os egressos pesquisados foi feita esta mesma pergunta de outra forma, ou seja, que práticas didáticas e pedagógicas utilizadas pelos professores que mais contribuíram para a sua formação pessoal, profissional, empreendedora e geral? Dos 16 pesquisados, 03 não opinaram. Os outros disseram que foram práticas que os ajudaram depois do curso técnico como trabalhos em grupo, visitas técnicas, aulas práticas, feira cultural, semana técnica, pesquisa orientada, estágio supervisionado, a convivência com os professores e funcionários, ensinamento para a vida, como trabalhar em equipe, responsabilidade na execução de tarefas, ser livre e independente, saber ouvir e lutar pelos objetivos, conhecimento do mercado de trabalho, as aulas de agronegócio que contribuíram para visão de mercado de trabalho.

Hoje os conceitos educacionais estão difundidos de novas metodologias de ensino e didática criativas que visam melhorar as condições no processo ensino/aprendizagem. Segundo Zabala (1998) do conjunto de relações interativas necessárias para facilitar a aprendizagem se deduz uma série de funções dos professores, que tem como ponto de partida o próprio planejamento. O professor utiliza diversos mecanismos capazes de verificar o aprendizado de determinado conteúdo, como por exemplo: seminários, debates, trabalhos em grupo, aulas práticas, desenvolvimento de projetos de pesquisa, etc.

Alguns relatos mostram a satisfação dos egressos com a formação recebida.

“Pessoal: exercícios de fixação para criar uma rotina de aprendizagem, de ações.

Profissional: trabalhos em equipe para saber gerir uma equipe visando um objetivo.

Empreendedora: cálculos de custo, de pesquisa de mercado.

Geral: conhecimento do mundo do trabalho.” (Egresso 14)

“Pessoal: ser um profissional qualificado. As aulas teóricas.

Profissional: as aulas práticas são fundamentais.

Empreendedora: as aulas de Agronegócio que contribuíram para a visão de mercado de trabalho.

Geral: não opinou.” (Egresso 15)

“Pessoal: o exemplo de alguns como educadores e educados, o respeito professor-aluno.

Profissional: a transferência de conhecimento e a seriedade como professores para formar técnicos capazes.

Empreendedora: é que o conhecimento técnico é para ser utilizado em favor do desenvolvimento, melhoramento e eficiência no trabalho.

Geral: não opinou.” (Egresso 13)

“Pessoal: alojamento e viver longe do conforto da minha casa.

Profissional: saber ouvir e lutar pelos objetivos.

Empreendedora: ser livre e independente.

Geral: morar em um alojamento e ter que trabalhar muito.” (Egresso 11)

“Pessoal: motivação, trabalho em equipe e responsabilidade.

Profissional: importância da técnica na condução do empreendimento.

Empreendedora: planejamento.

Geral: procurar sentir-se útil com responsabilidade.” (Egresso 8)

“Pessoal: a discussão dos trabalhos em grupo facilitou o meu relacionamento, fazendo com que conseguisse expressar minha opinião.

Profissional: aulas técnicas me fizeram ter um contato direto com aquilo que estava sendo esboçado em sala de aula.

Empreendedora: principalmente na área técnica, com as aulas práticas e com trabalho em grupo, consegui ver uma forma de administrar e possuir algum bem material para poder me manter, gerando e agregando valor aos meus produtos.

Geral: dentro da instituição mesmo não tendo todas os conteúdos e informações para formar um profissional 100% qualificado, podemos contar com as atividades extra-curriculares e acadêmicas para atingirmos a nossa meta. Exemplos: a empresa júnior, a bolsa de iniciação científica e a empresa incubadora quando aceita participação acadêmica.” (Egresso 1)

“Pessoal: compromisso com tarefas a serem executadas.

Profissional: responsabilidade com horários.

Empreendedora: não teve.

Geral: como trabalhar em equipe, responsabilidade na execução de tarefas, preservação do meio ambiente.” (Egresso 10)

“Pessoal: trabalhos em grupo, feiras culturais, pesquisa orientada, estágio supervisionado.

Profissional: idem

Empreendedora: idem

Geral: trabalhos em grupo, pesquisa orientada, estágio supervisionado.” (Egresso 2)

Os egressos tiveram um espaço para fazer comentários e dar opiniões sobre o curso, foi perguntado a eles se o curso poderia ter fornecido algo a mais na sua formação para facilitar o espírito de empreendedor, enfrentar desafios e oportunidades. Destes 03 não opinaram e os demais citaram alguns conteúdos e disciplinas que sentiram falta e que ajudaria muito na sua formação acadêmica. Alguns relatos mostram isso como as disciplinas de Gestão de Negócios, Técnicas de Recursos Humanos, Técnicas Comerciais, Empreendedorismo, Contabilidade Comercial, Práticas de Cooperativismo, espaço para a criação de novos produtos e uma simulação de empresa para o aluno veja o valor de venda e o custo produção.

“Aulas de Gestão de Negócios e estimular mais o aluno a ser independente e ter seu próprio negócio.” (Egresso 11)

“Técnicas em Recursos Humanos, Técnicas Comerciais, Empreendedorismo, Criação de novos produtos.” (Egresso 2)

“No meu ponto de vista o curso tinha que focar mais nos fatores que contribuem para o sucesso econômico do empreendimento. Ex:

administração, planejamento e metas, mão-de-obra e outros.” (Egresso 15)

“Não houve uma formação técnica tendente a fazer nascer nos alunos o interesse em empreender, cujo curso era mais voltado à formação do técnico enquanto empregado. Por isso deve ser uma formação técnica que dê orientações, treinamento, indicação de doutrina, seminários, execução de práticas voltadas à gestão, criação e empreendedorismo ao invés de forçar apenas na excelência da formação sob o aspecto apenas teórico.” (Egresso 12)

“Lidar com a gestão do negócio, Gestão Tributária, Gestão de Pessoas, Gestão Financeira.” (Egresso 3)

“A única coisa que faltou no curso foi os professores passarem para os alunos como administrar ou gerenciar uma propriedade. A área do agronegócio não foi muito bem explicada, eles tinham que focar mais nos conhecimentos dos mercados.” (Egresso 16)

No final da pesquisa foi reservado um espaço para que docentes e egressos pesquisados pudessem dar sugestões e fazer algum comentário que não tiveram oportunidade durante o preenchimento do questionário.

“A escola deve ter a obrigação e o dever de formar não somente profissionais, mas homens capazes de desenvolvimento profissional, mas com a responsabilidade e respeito mútuo. Fazendo a sua profissão fonte de renda, prazer e melhoramento da vida humana.” (Egresso 13)

“Entendo que o crescimento que o país está por apresentar nos próximos anos, irá necessitar de jovens empreendedores, porém estes deverão estar dotados de conhecimentos básicos do negócio em que iram iniciar bem como da gestão do mesmo.” (Egresso 3)

“Para que possamos obter melhor desempenho e adquirir conhecimentos na área de empreendedorismo, o meio acadêmico, no caso a diretoria, deve incentivar as atividades extra-curriculares, principalmente nas empresas juniores, pois a mesma consegue preparar os futuros profissionais para o mercado de trabalho mais rápido do que os colegas que não participam de nada, conseguindo vivenciar antecipadamente tudo aquilo que pode acontecer, tendo acompanhamento e a supervisão de seus professores.” (Egresso 1)

“O aluno de um curso técnico, qual seja a área, precisa, mais do que a formação técnica, de ser instado a se transformar em um empreendedor. Informações práticas, treinamentos, controle de resultados, conhecimento dos fatos econômicos que passam no processo produtivo é tão importante quanto o conhecimento técnico acumulado em relação ao curso escolhido. Para que se tenha um país de empreendedores, é preciso também que se proporcione condições de empreender. Ninguém possui todas as qualidades e características de um bom empreendedor.” (Egresso 12)

“É preciso muita convicção para atingir metas pré-estabelecidas, muita determinação para não sucumbir ao negativismo de muitos.” (Egresso 10)

“Acredito demais na educação empreendedora e penso que este projeto deverá motivar as escolas de educação profissional e tecnológica a incluir em seus planos de curso a disciplina de empreendedorismo, administração e ainda, a criação de incubadoras de empresa e hotéis de projeto, principalmente direcionado para os alunos.” (Docente 4)

“Trabalho interessante e muito importante principalmente ao considerar o público com que se trabalha: estudantes do ensino técnico e tecnológico. Se deste trabalho surgirem algumas conclusões que possam ser utilizadas na adaptação das metodologias de ensino e extensão, visando o “despertar e amadurecimento do empreendedorismo” em nossos estudantes regulares, já terá valido muito.” (Docente 8)

“Sugiro que haja um trabalho para enfatizar em todas as áreas de formação a importância da boa administração para os negócios. Produzir com eficiência e não saber o caminho para obter retorno nos negócios é motivo de frustração para muitos pequenos empresários que começam seu negócio, mas não conseguem colocar no mercado e principalmente não conseguem lucro e retorno de seus investimentos.” (Docente 17)

“Acho que essa disciplina, empreendedorismo, deveria abordar principalmente o espírito de organização e prática de um empreendedor. Abrir e ser dono de seu negócio significa conhecimento, organização e perseverança.” (Docente 23)

4.3 Análise da Matriz Curricular

O Curso Técnico em Agropecuária é composto de 11 disciplinas da Base Nacional Comum, 03 disciplinas da Parte Diversificada e na Formação Específica são 17 disciplinas, sendo 06 disciplinas no 1º ano, 05 disciplinas no 2º ano e 05 disciplinas no 3º ano. A carga horária das disciplinas varia entre 160 horas, 120 horas, 80 horas e 40 horas, conforme matriz abaixo. Como se pode observar, na atual matriz as únicas disciplinas que abordam temas relacionados ao empreendedorismo são a Administração e Extensão Rural que dá noções de produção e comercialização, complexos agroindustriais, globalização com uma forma atualizada de entendimento e aplicação de gestão atualizada do segmento do agronegócio. E a disciplina de Silvicultura e Cafeicultura que fala sobre o agronegócio do café no Brasil e no mundo. Mesmo alguns professores introduzindo o empreendedorismo em suas aulas de acordo com o tema abordado, ainda é pouco diante da importância do empreendedorismo na formação do técnico em agropecuária.

1.1.2. Ementas das disciplinas da formação específica

As 17 disciplinas que compõem a formação específica dos alunos do curso Técnico em Agropecuária estão estruturadas da seguinte forma.

1. Planejamento e Projeto de Instalações Rurais – 80 horas: Noções básicas de desenho técnico, planejamento e projeto de instalações de bovinocultura de leite e de corte, suinocultura, avicultura de corte e postura, técnicas de construções rurais e noções básicas de topografia.
2. Biologia Vegetal, Propagação de Plantas e Jardinagem – 80 horas: Classificação e desenvolvimento das plantas. Tecidos e órgãos vegetais. Formação da semente e reprodução sexuada dos vegetais. Propagação sexuada e assexuada: conceitos, aplicações, vantagens e desvantagens. Substratos. Recipientes. Sementeiras. Técnicas de semeadura direta em recipientes e em leito de germinação. Tratos culturais e manejo das plantas em viveiros. Principais técnicas de propagação vegetativa: estaquia, mergulhia, enxertia, cultura de meristemas. Hormônios vegetais. Jardins e áreas verdes: conceitos e funções. Tipos de jardins. Classificação de plantas para fins paisagísticos. Noções de desenho e de projeto paisagístico. Implantação de jardins: gramados, forrações, cercas vivas e árvores. Arborização urbana. Cultivo de plantas em vasos.
3. Silvicultura e Cafeicultura – 160 horas: Cafeicultura: O agronegócio café no Brasil e no mundo. Morfologia e fisiologia do cafeeiro. Podas do cafeeiro. Produção de mudas do cafeeiro. Obtenção e recomendação de cultivares de *Coffea arabica* e *C. canephora*. Implantação da lavoura cafeeira. Nutrição e adubação do cafeeiro; sintomas de deficiência e de toxidez de nutrientes. Interpretação dos resultados de análise de solo e foliar; recomendação de adubação. Manejo de ervas e das principais pragas e doenças. Cafés especiais. Colheita do café. Processamento, pós-colheita, secagem e beneficiamento de café. Conceitos de Silvicultura. Aplicações. Viveiros florestais. Ciclo de vida de povoamentos florestais. Implantação de florestas. Tratos e cortes culturais.
4. Agroecologia, Educação Ambiental e Licenciamento Ambiental – 160 horas: História da Agricultura. Bases Históricas e Filosóficas da Agroecologia. Escolas de agricultura alternativa. Bases e princípios científicos e eco-tecnológicos da Agroecologia. Teoria da trofobiose. Bases agroecológicas para o manejo da biodiversidade em agrossistemas e seus efeitos sobre herbívoros e patógenos. Bases agroecológicas para o manejo de plantas espontâneas. Certificação de produtos agroecológicos. Comercialização de produtos agroecológicos.
5. Fruticultura – 80 horas: Conceito e importância da fruticultura nos aspectos econômicos, social e alimentar. Exigências ecológicas e classificação das plantas fruteiras. Poda. Planejamento de pomares comerciais. Dados econômicos e alimentícios, botânica, morfologia, clima, solo, propagação, plantio, tratos culturais e fitossanitários, adubação, colheita e comercialização das principais fruteiras tropicais e subtropicais.
6. Solos – 120 horas: Introdução: planeta terra e tectônica global. De rocha a solo. Edafologia e Pedologia. Perfil, horizontes, *solum* e *pedon*. Fases do Solo. Características do solo: a) físicas (cor, textura, estrutura, densidade, porosidade, cerosidade); b) químicas (pH, CTC, macro e micronutrientes, e c) biológicas dos solos (macro, meso e microorganismos: função, ação, estímulo e processos (mineralização, imobilização e humificação). Matéria orgânica e húmus. Fertilização, formulação, correção: cálculos, uso e aplicações. Fertilização e manejo orgânico (ad. verde, compostagem, *mulching*, rotação de culturas, cultivo mínimo, plantio direto na palha) e mineral. Processos de pedogênese. Sistemas de classificação de solos (sistema brasileiro antigo e atual, sistema norte-americano antigo e atual, sistema FAO, outros sistemas). Levantamento e mapeamento de solos. Classificação de uso das terras.

7. Tecnologia de Alimentos (Processamento de Carnes, Leite e Vegetais) – 120 horas: Leite: A Indústria de Laticínios no Brasil. Leite: biossíntese, secreção, composição e propriedades. Obtenção higiênica do leite e os fatores relacionados a sua qualidade. Noções sobre beneficiamento de leite. Aspectos sobre legislação para produtos lácteos. Carnes: Legislação e Inspeção Sanitária em estabelecimentos de abate. Abate humanitário e bem-estar animal. Abate de bovinos. Abate de suínos. Abate de aves. Tipificação, rendimento em carne dos cortes da carcaça. Vegetais: Composição química e valor nutricional de frutas e hortaliças. Métodos de conservação da matéria-prima. Pré-processamento de frutas e hortaliças (obtenção da matéria-prima, transporte, recepção, seleção e classificação, sanitização, exágue, descascamento, corte, branqueamento, armazenagem e comercialização). Processamento de frutas e hortaliças.
8. Suinocultura – 120 horas: Introdução ao estudo da suinocultura. Evolução dos suínos. Características dos suínos. Sistemas de produção. Sistemas de criação. Tipos de produção. Organização da produção. Manejo dos suínos nas fases de criação. Anatomia e fisiologia do aparelho reprodutor e reprodução dos suínos, instalações e equipamentos. Alimentação e nutrição. Melhoramento genético. Biossegurança. Dejetos de suínos. Planejamento dos sistemas de produção.
9. Avicultura - 120 horas: Panorama da avicultura industrial (frangos de corte e galinhas de postura). Implantação de uma granja. Criação e produção de frangos de corte. Criação de aves poedeiras. Manejo e produção de ovos de galinha.
10. Mecanização Agrícola – 80 horas: Introdução. Histórico. Classificação das principais máquinas agrícolas. Partes que compõe o trator. Implementos agrícolas. Manutenção de máquinas e implementos. Óleos e Lubrificantes. Armazenamento de Combustível.
11. Olericultura – 120 horas: Histórico e importância econômica e social. Estudo do cultivo e dos fatores que influem na produção das hortaliças de maior importância econômica no Brasil. Classificação botânica e comercial. Variedades e cultivares de interesse agroecológico. Solo e adubação agroecológica. Tratos culturais, colheita, armazenamento e beneficiamento. Espécies olerícolas de maior interesse alimentício, condimentar e medicinal.
12. Culturas Anuais – 120 horas: Histórico, importância econômica e social da produção das principais culturas de interesse agrícola. Fenologia, exigências edafoclimáticas e principais sistemas de produção das culturas do milho, feijão, cana-de-açúcar, sorgo, arroz e mandioca. Integração entre lavoura e criação de animais. Sistemas de preparo do solo e Plantio direto de culturas. Noções de Adubação e práticas fitossanitárias aplicadas a culturas agrícolas.
13. Bovinocultura (Leite e Corte) – 160 horas: Introdução. Principais raças leiteiras, de corte, mistas e cruzamentos. Estudo detalhado do gado leiteiro e de corte. Exterior e Julgamento de bovinos leiteiros. Sistema digestivo dos ruminantes. Alimentação e nutrição do gado leiteiro e de corte. Manejo geral do rebanho. Manejo da reprodução. Manejo sanitário. Controle leiteiro. Instalação para gado leiteiro e corte. Planejamento da propriedade leiteira (evolução do rebanho).
14. Irrigação – 80 horas: Importância da agricultura irrigada visando o uso mais eficiente dos recursos para obter resultados econômicos sustentáveis. Conceitos e relações básicas entre solo, água, planta e clima. Métodos e caracterização dos principais sistemas de irrigação, drenagem, manejo da irrigação. Aspectos sócio-econômicos e ambientais do uso da tecnologia da irrigação.
15. Administração e Extensão Rural – 80 horas: A célula econômica regional, o canal de produção e comercialização, cadeia produtiva, complexos agroindustriais,

globalização com uma forma atualizada de entendimento e aplicação de gestão atualizada do segmento do agronegócio.

16. Introdução aos Estudos e Práticas em Agropecuária – 120 horas: Produção de mudas. Tratos culturais. Compostagem. Plantio, adubação e poda. Implementos agrícolas. Manuseio e cuidados dos materiais e equipamentos de trabalho no Departamento de Agricultura. Atividades relacionadas ao manejo e produção animal no setor de Zootecnia.
17. Informática Básica: Informática aplicada ao curso técnico em agropecuária, utilizando-se do computador como uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento profissional. Conhecimento do sistema Operacional Windows e dos aplicativos do OpenOffice.org.

1.1.3. Matriz 2010

A matriz curricular do curso Técnico Integrado em Agropecuária envolve uma Base Nacional Comum, uma parte Diversificada e uma parte Específica perfazendo um total de 5.160 horas, conforme ilustra a Tabela 8.

Tabela 8. Matriz curricular do Curso Técnico Integrado em Agropecuária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais – Campus Rio Pomba

CURSO TÉCNICO INTEGRADO EM AGROPECUÁRIA						
Matriz Curricular						
			1º Ano	2º Ano	3º Ano	C/H Total
Base Nacional Comum	Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias	Língua Portuguesa e Literatura	200	160	160	520
		Arte	40	-	-	40
		Educação Física	80	80	80	240
		Sub-total	320	240	240	800
	Ciências Humanas e suas Tecnologias	Geografia	80	80	80	240
		História	80	80	80	240
		Sociologia	40	40	40	120
		Filosofia	40	40	40	120
		Sub-total	240	240	240	720
	Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias	Química	80	80	80	240
		Biologia	80	80	80	240
		Matemática	160	200	160	520
		Física	80	80	80	240
Sub-total		400	440	400	1240	
Parte Diversificada	Redação e Expressão		-	40	40	80
	Inglês		40	40	40	120
	Espanhol		-	40	40	80
	Subtotal		40	120	120	280
Sub-total			1000	1040	1000	3040
Formação Específica	Tecnologia de Alimentos (Processamento de Carnes, Leite e Vegetais)		120			
	Informática Básica		40			
	Planejamento e Projeto de Instalações Rurais		80			

Introdução aos Estudos e Práticas em Agropecuária	160			
Solos	120			
Biologia Vegetal, Propagação e Jardinagem	80			
Suinocultura		120		
Avicultura		120		
Mecanização Agrícola		80		
Olericultura		120		
Culturas Anuais		120		
Fruticultura			80	
Silvicultura e Cafeicultura			120	
Bovinocultura (Leite e Corte)			160	
Irrigação			80	
Agroecologia, Educação Ambiental e Licenciamento Ambiental			80	
Administração e Extensão Rural			80	
Sub-total	600	560	600	1760
Estágio				360
Sub-total (Formação Específica e Estágio)				2120
Carga horária total do curso				5160

Fonte: Coordenação Geral de Ensino – IF Sudeste MG Campus Rio Pomba

1.1.4. Considerações Finais em decorrência da pesquisa

Analisando a Matriz Curricular do Curso Técnico em Agropecuária, observa-se que os alunos têm uma carga horária total incluindo o estágio supervisionado de 5160 horas. Os alunos têm 08 aulas diárias, sendo 4 aulas no horário vespertino e 04 aulas no horário diurno, com intervalos de 20 minutos entre as 04 aulas e um intervalo de 2 horas entre o almoço o início do segundo turno. Os alunos não têm um tempo disponível para se dedicar a pesquisa e extensão.

Várias reuniões estão acontecendo para que haja uma mudança nas matrizes dos cursos técnicos, inclusive no de Agropecuária. A idéia é reduzir a carga horária nas disciplinas da Base Nacional Comum e na Formação Específica, fazendo assim com que os alunos tenham um horário livre para estudos, pesquisas, extensão e até mesmo estágios supervisionados dentro da instituição nos horários livres.

De acordo com Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, que tem como *missão institucional promover a educação básica, profissional e superior, de caráter científico e tecnológico, gratuita, de qualidade e inclusiva, socialmente referenciada, por meio da articulação entre ensino, pesquisa e extensão, visando a formação ética, crítica e empreendedora, contribuindo com o desenvolvimento sustentável para uma sociedade mais justa e solidária*. Daí a necessidade de incluir uma disciplina de empreendedorismo na matriz dos cursos técnicos, fazendo assim com que os alunos tenham uma formação voltada para o empreendedorismo, que eles cheguem no mercado de trabalho como um técnico criativo e motivado, com técnicas para a criação e gerenciamento de empresas, ou até mesmo para se destacar neste mercado tão competitivo.

Uma proposta de uma disciplina a ser criada pode ser intitulada: **Oficina Empreendedora**. Propõe-se trazer professores de várias disciplinas para trabalhar a Oficina Empreendedora. Dar uma formação geral aos alunos do 1º ano ao 3º ano, com noções de empreendedorismo, habilidades, criação e gerenciamento de empresas, participar de empresa júnior na instituição, como fazer cálculos, noções de administração e problemas de

gerenciamento. Este trabalho seria desenvolvido ao longo dos 3 anos de formação do aluno. Assim seria **Oficina Empreendedora I, Oficina Empreendedora II e Oficina Empreendedora III**, com carga horária anual de 20 horas cada.

Proposta de Ementa da Disciplina: Formação empreendedora. Pensamento empreendedor. Perfil do empreendedor. O papel da Empresa Junior e Incubadoras de Empresa na formação interdisciplinar. Motivação para o trabalho. Inovação. Trabalho em equipe. Habilidades e Competências. Sistemas de gerenciamento e técnicas de negociação. Qualidade e competitividade. Análise de mercado. Planejamento estratégico. Planejamento financeiro. Plano de negócios.

Os conteúdos serão ministrados por um professor da área e, em seguida, ao longo dos três anos de formação fará um acompanhamento do desenvolvimento das atividades desenvolvidas em sala de aula e levadas para a prática como o trabalho na empresa junior e a criação de nova incubadora de empresa dentro do campus e trabalhos de extensão.

Propõe-se que as disciplinas **Oficina Empreendedora** sejam inseridas em todos os cursos técnicos integrados oferecidos na instituição (Alimentos, Agropecuária, Florestal, Zootecnia, Informática), reforçando ainda mais os objetivos do Plano de Desenvolvimento Institucional do IF Sudeste MG que propõe os seguintes objetivos estratégicos:

1. consolidar e ampliar a Educação Profissional e Tecnológica nos diversos níveis e modalidades;
2. fortalecer a pesquisa e o desenvolvimento tecnológico na Instituição;
3. promover a inclusão social;
4. fortalecer a relação com a sociedade local e regional, em sintonia com os Arranjos Produtivos Locais (APLs);
5. fortalecer a relação entre os Campi;
6. desenvolver a cultura empreendedora na Instituição, associada à inovação;
7. promover o foco no meio ambiente e na responsabilidade social.

Diante destas considerações, sugere-se a redução da carga horária do curso para que o aluno tenha tempo livre para se dedicar a outras atividades de pesquisa e extensão, e se envolver com a empresa Junior e incubadora de empresas. Assim, a Tabela 9 mostra a carga horária reduzida da base comum para o Curso Técnico Integrado de Agropecuária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, perfazendo um total de 2840 horas aulas para a Base Comum.

Tabela 9. Base Comum da Matriz Curricular do Curso Técnico em Agropecuária

CURSO TÉCNICO INTEGRADO EM AGROPECUÁRIA – Base comum									
Matriz Curricular									
			1º ano		2º ano		3º ano		C/H Total
			Nº aulas	Nº horas	Nº aulas	Nº horas	Nº aulas	Nº horas	
Base Nacional Comum	Linguagens, Códigos e suas Tecnologias	Língua Portuguesa, Literatura e Redação	160	146,4	160	146,4	160	146,4	440
		Arte	40	36,4	-	-	-	-	36,4
		Educação Física	80	73,2	80	73,2	80	73,2	220
		Sub-total	280	256,4	240	220	240	220	696,4
	Ciências Humanas e suas Tecnologias	Geografia	80	73,2	80	73,2	80	73,2	220
		História	80	73,2	80	73,2	80	73,2	220
		Sociologia	40	36,4	40	36,4	40	36,4	110
		Filosofia	40	36,4	40	36,4	40	36,4	110
		Sub-total	240	220	240	220	240	220	660
	Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias	Química	80	73,2	80	73,2	80	73,2	220
		Biologia	80	73,2	80	73,2	80	73,2	220
		Matemática	160	146,4	160	146,4	160	146,4	440
		Física	80	73,2	80	73,2	80	73,2	220
		Sub-total	400	366,4	400	366,4	400	366,4	1100
			Inglês	40	36,4	40	36,4	40	36,4
Espanhol					40	36,4	-	-	36,4
Sub-total			40	36,4	80	73,2	40	36,4	146,4
Sub-total			960	880	960	880	920	843,2	2603,2
Sub-total			2840 aulas				2603 h. 20 min.		

Fonte: Coordenação Geral de Ensino – IF Sudeste MG Campus Rio Pomba

A Tabela 10 mostra a matriz curricular e a carga horária reduzida da formação específica e as disciplinas de Oficina Empreendedora para o Curso Técnico Integrado de Agropecuária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais – Campus Rio Pomba

Tabela 10. Formação específica para o Curso Técnico em Agropecuária

CURSO TÉCNICO INTEGRADO EM AGROPECUÁRIA – Formação específica							
Formação Específica	Tecnologia de Alimentos (Processamento de Carnes, Leite e Vegetais)	80					
	Planejamento e Projeto de Instalações Rurais	80	73,2				
	Introdução aos Estudos e Práticas em Agropecuária	140	146,4				
	Oficina Empreendedora I	20					
	Solos	80	73,2				
	Biol. Vegetal, Propagação e Jardinagem	40	36,4				
	Sub-total	440	403,2				
	Suinocultura			80	73,2		
	Avicultura			80	73,2		
	Mecanização Agrícola			80	73,2		
	Olericultura			80	73,2		
	Culturas Anuais			100			
	Oficina Empreendedora II			20	110		
	Sub-total			440	403,2		
	Fruticultura					80	73,2
	Silvicultura e Cafeicultura					80	73,2
	Bovinocultura (Leite e Corte)					160	146,4
	Irrigação					80	73,2
	Agroecologia, Educação Ambiental e Licenciamento Ambiental					40	36,4
	Administração e Extensão Rural					20	
	Oficina Empreendedora III					20	36,4
	Sub-total					480	440
	Sub-total					1360 aulas	1246 h. 40 min.
Estágio						240	
Sub-total (Formação Específica e Estágio)						1486 h. 40 min.	
Nº total de aulas (Base Nacional Comum e Formação Específica)							4200 h
Carga horária (Base Nacional Comum e Formação Específica)							4090 h
Carga horária total do curso (Base Nacional Comum, Formação Específica e Estágio)							4330 h

Fonte: Coordenação Geral de Ensino – IF Sudeste MG Campus Rio Pomba

Sugere-se que os professores assumam a função de criadores de um ambiente favorável ao desenvolvimento do empreendedor nas disciplinas **Oficina Empreendedora**. Eles devem passar a ser organizadores da cultura empreendedora e abandonar as antigas funções de mediador do conhecimento. Os elementos de suporte ao processo visionário como as relações, o conhecimento do setor, o conceito de si, a energia e a liderança são os principais ingredientes da cultura que deve se instaurar na sala de aula. Sendo esta cultura adequada à formação do empreendedor, entendido no contexto educacional como alguém que nasce, floresce e se desenvolve de forma autônoma em ambiente favorável. (DOLABELA, 1990)

O termo aluno “pré-empreendedor” proposto por Gibb (1992) apud Dolabela (1990) poderá ser testado na execução das disciplinas **Oficina Empreendedora**, pois pressupõe-se que nestas disciplinas o aluno será submetido à situações similares àquelas que ele encontra

na prática. O que vai ao encontro dos pressupostos pedagógicos de aprendizagem vivencial de Auzubel (1978).

Assim a sala de aula passa a ser realmente um ambiente onde o aluno aprenda fazendo, errando, interagindo com outras pessoas, aproveitando as oportunidades que forem oferecidas, enfim, que ele saia realmente preparado para o mundo do trabalho.

Vale lembrar que, segundo o PDI do IF Sudeste MG, os princípios norteadores da prática educativa são a justiça social, com foco na equidade social e econômica, gerando inovação tecnológica e a inter-relação entre cultura, meio ambiente, trabalho, ciência e tecnologia na busca de soluções para os problemas do seu tempo, em favor da sociedade, para que se cumpra a missão transformadora e libertadora da educação.

5 CONCLUSÃO

Analisando os resultados da pesquisa pode-se concluir que os professores concordam que a formação empreendedora é importante para os alunos e isto é muito importante no atual mercado de trabalho. Depreende-se dos egressos que faltou uma disciplina específica e/ou a incorporação de conteúdos relacionados a formação empreendedora. A experiência com a empresa júnior e a incubadora de empresas contribuiu para sua formação demonstrando a importância dessas experiências para desenvolvimento do espírito empreendedor. A matriz atual do curso técnico tem carga horária muito elevada, restando pouco tempo para atividades complementares, e pouco se foca a formação empreendedora, notando-se a necessidade de reestruturação.

Os resultados da pesquisa corroboram a necessidade de amplo debate entre os agentes que participam da estrutura de ensino, para que na composição da matriz curricular, contemple as bases científicas e tecnológicas necessárias a estruturação da respectiva área profissional, consideradas as necessidades que emanam da sociedade e o mundo do trabalho.

Para que o educando se constitua agente empreendedor, além das bases do conhecimento, o ambiente educacional deve propiciar as condições necessárias para que este desenvolva também habilidades e atitudes, pelo envolvimento em projetos que constituam desafios possíveis e progressivos, contemplando também os temas transversais e de caráter interdisciplinar, conferindo-lhe capacidade de desenvolvimento autônomo.

A experiência primeira da incubadora de empresas não resultou nos resultados esperados. Contudo, é reconhecida como importante instrumento da formação, necessitando ser reativada, contando com maior participação discente e apoiando-se na nova disciplina proposta para a formação empreendedora. A Empresa Júnior também tem cumprido seu papel na formação, envolvendo os alunos na elaboração, promoção e execução de cursos, palestras e projetos de extensão.

Entretanto, as práticas pedagógicas, de modo geral, necessitam incorporar atividades que suscitem o espírito criativo e empreendedor. Este processo requer a sensibilização do corpo docente e ações de qualificação em alguns casos. Além disso, existe a necessidade de produzir material didático em linguagem adequada, que proporcione ao educando desenvolver o espírito investigativo, criativo e empreendedor.

O conjunto de ações, desenvolvido conjuntamente pela equipe diretiva, pedagógica, de coordenação de cursos e docentes deve partir da análise a realidade dos cursos, contemplando as bases tecnológicas, as transformações que ocorrem no mundo do trabalho a fim de atender suas sempre novas demandas. Antes de montar a matriz é preciso pensar qual a formação necessária ao técnico que será preparando para o mercado de trabalho. Deve constituir-se agente transformador de sim mesmo, indo além da expectativa de ser participe da sociedade de consumo, sendo capaz de produzi-la, assumindo a liderança dos processos produtivos e organizacionais.

5.1 Sugestões para Futuras Pesquisas

Diante do que foi observado na presente pesquisa, sugere-se que novos estudos e pesquisas busquem analisar a evasão escolar no curso técnico em agropecuária e nos demais cursos técnicos dos Institutos Federais de Educação Superior do país.

Novos estudos podem também analisar o desenvolvimento de uma sistemática para o desenvolvimento e manutenção do cadastro permanente de egressos. Além de fazer o delineamento dos aspectos interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares focada na formação integral dos discentes dos cursos técnicos.

Poder-se-á também traçar o perfil de pesquisa e extensão na área de agropecuária no Campus Rio Pomba e em outros IFETs. Além do desenvolvimento de uma proposta de reestruturação das empresas juniores e das incubadoras de empresas no Campus Rio Pomba e em outras instituições de ensino de nível técnico e médio para o fortalecimento da formação empreendedora.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Flávio de. **Como ser empreendedor de sucesso: como fazer a sua estrela brilhar**. Belo Horizonte: Leitura empresarial, 2001.
- ALVES, Giovanni. **Toyotismo, Novas Qualificações e Empregabilidade. Mundialização do capital e a educação dos trabalhadores no século XXI**. Disponível em: <http://globalization.sites.uol.com.br/ult2001.htm> . Acessado em 01/09/2010.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: **Informação e documentação - referências – elaboração**. Rio de Janeiro, 2002.
- AUSUBEL, D., NOVAK, J., & HANESIAN, H. **Educational Psychology: A Cognitive View** (2nd Ed.). New York: Holt, Rinehart & Winston, 1978. Disponível em http://www.robertexto.com/archivo3/a_teorias_ausubel.htm . Acessado em 20/11/2010.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70 Ltda. Lisboa, Portugal. 1977.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Instituto Federal – Concepção e Diretrizes**. Junho de 2008, 43 pág. Disponível em: http://www.ifsudestemg.edu.br/institucional/documentosInstitucionais/downloads/concepcao_diretrizes.pdf. Acessado em: 09/07/2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Referenciais Curriculares da Educação Profissional de Nível Técnico**. Brasília: MEC, SETEC, 2000 (a).
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Referenciais Curriculares da Educação Profissional de Nível Técnico**. Área: Agropecuária. Brasília: MEC, SETEC, 2000 (b).
- BRASIL. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. Brasil, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Formação Empreendedora na Educação Profissional**. Manual do multiplicador. Brasília: MEC/SEBRAE, 2000 (a).
- BRASIL. Ministério da Educação. **Formação Empreendedora na Educação Profissional**. Projeto Integrado MEC/SEBRAE de Técnicos Empreendedores. Brasília: MEC/SEBRAE, 2000 (b).
- BRASIL. Ministério da Educação. **Formação Empreendedora na Educação Profissional**. Guia Geral do Curso. Projeto Integrado MEC/SEBRAE de Técnicos Empreendedores. Brasília: MEC/SEBRAE, 2000 (c).
- BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. **Manual para a implantação de incubadoras de empresas**. Brasília: MCT/PNI, 2000.
- CECHET, Luiz Gonzaga. **Um estudo sobre a inserção de empreendedorismo no curso técnico em agropecuária no Colégio Agrícola de Camboriú**. Dissertação de Mestrado. UFRRJ. 2008.
- CHÉR, R. **Empreendedorismo na veia: um aprendizado constante**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- CORREIA, M.F.B.; LIMA, A.P.B & ARAÚJO, C. R. **As contribuições da psicologia Cognitiva e a Atuação do Psicólogo no Contexto Escolar**. *Revista Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2001, 14(3), p. 553-561.
- CUNHA, Luiz Antônio. **Ensino Médio e Ensino Técnico na América Latina: Brasil, Argentina e Chile**. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo n.º 111, p. 47 – 70, dez. 2000.
- DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001. Relatório para a UNESCO, da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI.

DIAS, T. R. F. V.; NARDELLI, P. M.; VILAS BOAS, A. A.. **Competências Empreendedoras: um estudo sobre os empreendedores ganhadores do Prêmio TOP Empresarial**. In: V Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas - EGEPE, 2008, São Paulo. Anais do V Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas. São Paulo: Mackenzie, 2008.

DOLABELA, Fernando. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Cultura, 1990.

DOLABELA, Fernando. **Empreendedorismo – Uma forma de ser**. Cultura Editora, AED, São Paulo, 2002.

DOLABELA, Fernando. **O Segredo de Luísa**. Cultura Editora, São Paulo, 2004.

DOLABELA, Fernando. **Pedagogia empreendedora - O ensino do empreendedorismo na educação básica, voltado para o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Editora de Cultura, 2003.

DRUCKER, Peter F. **Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship): prática e princípios**. São Paulo: Pioneira, 2008.

DUTRA, Joel Souza. **Competências. Conceitos e Instrumentos para a Gestão de Pessoas na Empresa Moderna**. Editora Atlas. São Paulo. 2004.

EDUCAÇÃO, Ministério da. CURRICULAR, Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento. **Guião de Educação para o Empreendedorismo**. Dezembro/ 2006. Acessado em 20 de abril de 2010.

EDUCAÇÃO, Portal de. **Teoria da Aprendizagem Socio-histórica de Vygotsky**. Disponível em <http://www.obrasill.com/teoria-da-aprendizagem-socio-historica-de>. Acessado em 23 de novembro de 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio. O dicionário da língua portuguesa**. 7ª ed. Curitiba: Positivo, 2008.

FILION, Louis Jacques. **Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios**. Revista de Administração, São Paulo v.34, n.2, p.05-28, abril/junho 1999.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Editora Paz e Terra, 28ª Edição. 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática pedagógica. Paz e Terra. 7ª edição. 1996.

FREIRE, Paulo. **Revista de Educação**. APEOESP, Nº 09 – Junho/98, pp. 01

FREIRE, Paulo & BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida**. São Paulo: Ática, 11ª ed., 2000.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. **A gênese do decreto 5.154/2004: um debate no contexto controverso da democracia restrita**. In: _____ (Orgs). **Ensino Médio Integrado: Concepções e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 21-56

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. **A política de Educação Profissional no Governo Lula: Um percurso Histórico Controvertido**. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 92, p. 1087 – 1113, Especial, out. 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Concepções e mudanças no mundo do trabalho e o ensino médio**. Centro de Educação Tecnológica do Estado da Bahia.

GENTILI, Pablo. **“O conceito de empregabilidade”**. Avaliação do PLANFOR, s/d. 1998.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. – 12 reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

INACIO, Sandra Regina Luz. **O Ensino de Empreendedorismo nas Universidades Brasileiras**. Publicado em 23/01/2009. Disponível em: <http://empresanet.com.br/artigos/articles/79/1/O-Ensino-de-Empreendedorismo-nas-Universidades/Page1.html>. Acessado em 10/02/2010.

- KUENZER, A. Z. **A reforma do ensino técnico no Brasil e suas conseqüências.** In: FERRETI, C. J. ET AL. (org.). **Trabalho, formação e currículo: para onde vai a escola?** São Paulo: Xamã, 1999.
- LAKATOS, E. M., MARCONI, M. A. **Fundamentos da Metodologia Científica.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** - 10 ed. São Paulo. Editora Cortez. 2008.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação.** São Paulo, Editora Cortez, 1994. Coleção Magistério. Série Formação do Professor.
- MATOS, Silvana Lucas Bomtempo. **As políticas educacionais dos últimos anos frente às mudanças que estão ocorrendo no mundo do trabalho.** Mestranda em Educação Agrícola. Instituto de Agronomia. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2008.
- MAUÉS, Olgaíses Cabral; GOMES, Elenilce; MENDONÇA, Fernanda Lopes. **Políticas para a educação profissional média nos anos 1997-2007.** Trabalho e Educação. Vol. 17, nº 1- jan./abr. – 2008.
- MOREIRA, M. A. **Aprendizagem significativa.** Brasília: Editora Universidade de Brasília. (1999). Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/David_Ausubel . Acessado em /20/11/2010.
- MOREIRA, M. A. **Uma Abordagem Cognitivista ao Ensino da Física.** Porto Alegre, Ed. da Universidade, UFRGS, 1983. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/David_Ausubel. Acessado em 20/11/2010.
- NOVAK, J. D. e GOWIN, D. Bob. (1999). **Aprender a aprender.** (2a ed.), Lisboa: Plátano Edições Técnicas. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/David_Ausubel. Acessado em 20/11/2010.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- NAVARRO, Leila. **Ser empreendedor independe do negócio.** Disponível em: <http://carreiras.empregos.com.br/carreira/favoritos/colunistas/leila/070403> leila_empreendedor.shtm. Acesso em 03 ago. 2010.
- NOÉ, Marcos. **Novas maneiras de avaliar.** Disponível em <http://educador.brasilecola.com/estrategias-ensino/novas-maneiras-avaliar.htm>. Acessado em 30 de novembro de 2010.
- PAIM, Lúcia Helena Corrêa. **Estratégias metodológicas na formação de empreendedores em cursos de graduação: cultura empreendedora.** Florianópolis – SC: 2001. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina.
- PEREYRA, Eduardo; CAMPOS, Alexandre; BRUTTI, José Aírton; BARTH, Juta; GONÇALVES, Loren Pinto Ferreira. **O comportamento empreendedor como princípio para o desenvolvimento social e econômico.** Metodologia CEFÉ. Sulina: Porto Alegre – RS, 2003.
- PELIZZARI, Adriana, KRIEGL, Maria de Lurdes, BARON, Márcia Pirih, FINCK, Nelci Teresinha Rubi, DOROCINSKI, Solange Inês. **Teoria da Aprendizagem Significativa segundo Ausubel.** Rev. PEC, Curitiba, v.2, n.1, p.37-42, jul. 2001-jul. 2002. Disponível em <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012381.pdf>. Acessado em 20/11/2010.
- PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- PERRENOUD, Philippe. THURLER, Monica Gather. MACEDO, Lino de. MACHADO, Nilson José. ALLESSANDRINI, Cristina Dias. **As Competências para ensinar no século XXI. A Formação dos Professores e o desafio da avaliação.** Editora Artmed. 2002.

PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais. Vigência 2009/2013. Disponível em <http://www.ifsudeste.edu.br/institucional/documentosInstitucionais/downloads/PDI.PDF>. Acessado em 23 de Agosto de 2010.

RAMOS, Marise Nogueira. **A Educação Profissional Pela Pedagogia das Competências e a Superficialidade dos Documentos Oficiais.** *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 23, n. 80, p. 401 – 422. set. 2002.

REGO, T.C. **Vygotsky: Uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação.** 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 183 p. cap.2.

RIDO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científico.** Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

SÁ, Marco Aurélio Lima de, VELOSO, Silvério Rafide, VILAS BOAS, Ana Alice. **Associativismo e Cultura Empreendedora como fatores de mudança comportamental nas micro e pequenas empresas. O rol das cooperativas na luta contra a pobreza, pelo comércio justo e pelo trabalho digno.** Ribeirão Preto. Anais do V Encontro Latino-Americano de Cooperativismo, 2008. v. 1. p. 192-192.

SANCHEZ, S. B. **Conceituação, concepção e organização de um programa de pós-graduação para docentes da educação profissional agrícola.** Seropédica – RJ: 2002. (Tese de Doutorado). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

SANTOS, Akiko. **Complexidade e transdisciplinaridade em educação.** Seropédica: Imprensa Universitária – UFRRJ, 2008.

SANTOS, Akiko. **Didática sob a ótica do pensamento complexo.** Porto Alegre: Sulina, 2003.

SANTOS, Akiko; SANTOS, A. C. dos; SOMMERMAN, A. **Conceitos e práticas transdisciplinares na educação.** Seropédica: Imprensa Universitária – UFRRJ, 2008.

SOUZA, José dos Santos. **Trabalho, Educação e Sindicalismo no Brasil: anos 90.** Campinas: Autores Associados, 2002. p.15-72.

SOUZA, José dos Santos. **Trabalho, qualificação, ciência e tecnologia no mundo contemporâneo: fundamentos teóricos para uma análise da política de educação profissional.** *Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 13, nº 22, p. 1-15, ju./dez. 2004.

SCHNEIDER, Sérgio. **A Pluriatividade na Agricultura Familiar.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SEBRAE. **Aprender a Empreender.** 3ª ed. 2004.

SEBRAE. **Rio tem educação empreendedora no ensino fundamental.** In. **Programa Jovens Empreendedores.** 2006. Disponível: <http://www.empreendedor.com.br/?pid=28&cid=2944>>. Acesso em 09 jul. 2009.

SENNA, Miguel Angelo Braga. Projeto “**A Associação do Ensino Agrícola ao Desenvolvimento de Comportamentos Empreendedores no Instituto Federal do Espírito Santo – Campus de Alegre.** 70 p. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, E. D., MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 3. Ed. rev. atual. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SILVA, José Maria da & SILVEIRA, Emerson Sena da. **Apresentação de trabalhos acadêmicos.** Petrópolis: Vozes, 2007.

SILVA, Márcia; INVERNIZZI, Noela. **Qual educação para os trabalhadores no governo do partido dos trabalhadores? A educação profissional apos o decreto 5154/2004.** IV Simpósio Trabalho e Educação – ago/2007.

SOUZA, Amorizio Coelho de, CELESTRINI, Lanuzia, GREGORIO, Neliane Antonio, RODRIGUES, Judite Filgueiras. **Teoria de Ausubel: Cognoscitiva ou Cognitiva**. Disponível em <http://meuartigo.brasilecola.com/pedagogia/teoria-ausubel-cognoscitiva-ou-cognitiva-1.htm>. Acessado em 23/11/2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Laboratório de ensino a Distância. Formação empreendedora na educação profissional: capacitação a distância de professores para o empreendedorismo/** Luiz Fernando Garcia. Florianópolis: LED, 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO. **Manual de instruções para organização e apresentação de dissertações e teses na UFRRJ**. Seropédica: Imprensa Universitária - UFRRJ, 3ª ed., 2006.

VIEIRA, Ricardo Bezerra Cavalcanti. Disponível em <http://ricardobezerra.com/metodo>. Acessado em 21 de abril de 2010.

WERNECK, Hamilton. **O que é a escola empreendedora**. Petrópolis: DP *et. al.*, 2007.

YIN, Robert K.. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. Trad. Daniel Grassi. 3ª ed. Porto Alegre. Editora Bookman. 2005.

ZABALA, Antoni. **Enfoque globalizador e pensamento complexo: uma proposta para o currículo escolar**. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: editora ARTMED, 2002.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa. Como ensinar**. Trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto alegre: Editora ARTMED, 1998.

ZUANY, Mario Jorge de Moura. **Educação tecnológica e empreendedorismo: uma visão do segmento de rochas ornamentais do pólo de Cachoeiro de Itapemerim-ES**. Dissertação de Mestrado. UFRRJ. 2006.

ZUANY, Mário Jorge de Moura; VILAS BOAS, Ana Alice; DIAS, Tânia Regina Frota Vasconcellos; SOUZA NETO, Silvestre Prado de. **Competências Empreendedoras e Intraempreendedoras para o Técnico em Mineração com Ênfase em Rochas Ornamentais**. In: Anais do VI Congresso Nacional de Excelência em Gestão, UFF, Niterói, Rio de Janeiro, 2010.

7 ANEXOS

7.1 Carta de apresentação



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA – PPGEA
Mestranda: Mônica Bomtempo Reis Soares

Caro professor e colaborador.

Sou mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, onde desenvolvo um estudo sob o título **“O despertar do empreendedorismo como alternativa de mercado de trabalho e geração de renda sob a visão pedagógica”**, e necessito da sua colaboração como docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, acerca da importância do tema “Empreendedorismo” na formação educacional, bem como na atuação profissional, fornecendo informações acerca do tema.

Deste modo, encaminho o questionário de pesquisa em anexo, o qual tem por objetivo levantar dados sobre a percepção do corpo de professores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, acerca da importância do tema “Empreendedorismo” na formação educacional, bem como na atuação profissional.

É importante lembrar que as informações fornecidas serão tratadas sob sigilo, preservando o informante e sua integridade, com a apresentação adequada das informações de modo que não se possa estabelecer vínculo direto ao colaborador.

Na certeza de contar com a sua atenção e colaboração, antecipo o meu agradecimento.

Atenciosamente,

Mônica Bomtempo Reis Soares

7.2 Formulário de pesquisa docente

Foco: docentes

Se você preferir não ser identificado (mencionado) neste trabalho de pesquisa, por favor informe apenas as suas INICIAIS ou utilize um NOME FICTÍCIO.

IDENTIFICAÇÃO DO RESPONDENTE

Nome ou Iniciais:

Idade: _____ Sexo: F () M ()

Área e Campus onde atua:

Tempo de atuação na Instituição: _____

PERFIL DE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO

1. Qual a sua formação acadêmica?

2. É professor: efetivo () substituto ()

3. Há quanto tempo?

4. Qual(ais) a(s) disciplina(s) ministra?

PERCEPÇÃO EMPREENDEDORA NA FORMAÇÃO

5. Você conhece o significado do termo empreendedorismo?

() sim () não () um pouco

6. Descreva com suas palavras o que significa o termo empreendedorismo:

7. Assinale, na escala abaixo, o valor relativo a importância que você atribui ao empreendedorismo na formação técnica.

Pouco importante

Muito importante

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Justifique sua resposta.

8. Como professor, o que você pensa sobre o aluno abrir seu próprio negócio quando conclui o curso técnico?

9. Assinale as características que você considera mais importantes em uma pessoa com espírito empreendedor: (indique pelo menos 5)

- liderança
- motivação
- superação
- compromisso e determinação
- propensão de assumir riscos
- criatividade
- autoconfiança
- habilidade de adaptação
- ter iniciativa e agir
- inovação
- orientação a metas
- outras -

10. Na sua opinião, quais as principais dificuldades encontradas na administração de uma empresa, quais as mais significativas na sua opinião:

- falta de planejamento
- aquisição de matéria-prima
- desconhecimento de técnicas para resolução de problemas
- equipamentos de baixa qualidade
- gerenciamento de vendas

- () administração de pessoal
- () saber ouvir e captar informações
- () nível de formação profissional do pessoal
- () falta de capital
- () liderança e trabalho em equipe
- () construção de equipes de trabalho
- () outras - _____

11. Como você classifica, de modo global, o interesse dos alunos pela(s) disciplina(s) que você ministra?

Disciplina	Baixo	Moderado	Bom	Muito bom	Elevado

11. Você acredita que a vivência e prática do aluno na empresa júnior contribui para a edificação de um espírito empreendedor nos alunos?

- () Sim () Não

Como ou porque?

12. Você acredita que a vivência e prática do aluno nas incubadoras de empresas contribui para a edificação de um espírito empreendedor nos alunos?

- () Sim () Não

Como ou porque?

13. Que práticas você adota nas suas aulas para que o aluno tenha uma visão interdisciplinar ou multidisciplinar dos conteúdos abordados?

14. Que sugestão você daria a um aluno que deseja montar seu próprio negócio ao final do curso?

OBSERVAÇÕES E SUGESTÕES AO TRABALHO

Este espaço é reservado para que você faça observações e sugestões que considere importantes e que não tenham sido abordadas no formulário de pesquisa. Seu preenchimento é opcional.

7.3 Formulário de pesquisa egresso

Foco: egressos

IDENTIFICAÇÃO DO RESPONDENTE

Nome: _____

Idade: _____ Sexo: F () M ()

Cidade/Estado de origem: _____

Cidade/Estado onde atua: _____

1. Onde você se formou e qual(ais) o(s) curso(s) você concluiu?

2. Em que ano se formou?

3. Possui formação de nível superior? () sim não ()
Qual? _____

4. Qual o ramo de atuação do seu negócio?

5. Há quanto tempo está no mercado?

6. Possui sócios? sim () Quantos? _____ não ()

7. Seu sócio possui algum grau de parentesco ou outro tipo de relação pessoal precedente?
Qual? _____

8. Já trabalhou com empregado? sim () não ()

9. Já empreendeu outro(s) negócio(s) antes? sim () não ()

10. Quantas vezes e em qual(ais) área(s)?

11. Porque você mudou de negócio/ramo de atividade?

SOBRE A VISÃO EMPREENDEDORA

12. Você conhece o significado do termo empreendedorismo?
() sim () não () um pouco

13. Descreva com suas palavras o que significa o termo empreendedorismo.

14. Na escala abaixo, quantifique o quanto você se considere empreendedor:

Pouco empreendedor			Muito empreendedor	
1	2	3	4	5

15. Você considera o empreendedorismo como solução para os seus problemas de gestão?

sim Não

16. Assinale as características empreendedoras que você considera mais importantes para solucionar os problemas de gestão das novas empresas:

- liderança
- motivação
- superação
- compromisso e determinação
- propensão de assumir riscos
- criatividade
- autoconfiança
- habilidade de adaptação
- ter iniciativa e agir
- inovação
- orientação a metas
- outras - _____

17. Você encontrou dificuldades na gestão de seu negócio?

muito pouco nada

18. Das dificuldades encontradas na administração da empresa quais são as mais significativas:

- falta de planejamento
- aquisição de matéria-prima
- desconhecimento de técnicas para resolução de problemas
- equipamentos de baixa qualidade
- gerenciamento de vendas
- administração de pessoal
- saber ouvir e captar informações
- nível de formação profissional do pessoal
- falta de capital
- liderança e trabalho em equipe
- construção de equipes de trabalho
- outras - _____

19. O seu empreendimento foi motivado por:

() necessidade () oportunidade () outro: _____

SOBRE A FORMAÇÃO EDUCACIONAL E ATUAÇÃO PROFISSIONAL

20. Você já pensava em seu próprio empreendimento quando era aluno?

() sim () não

21. O conhecimento adquirido no Campus Rio Pomba contribuiu para abrir o seu próprio negócio?

() muito () pouco () nada

Em caso positivo, descreva quais as contribuições mais importantes

22. Na sua opinião, ser egresso de cursos técnicos trouxe mais pontos fortes ou mais pontos fracos para o seu empreendimento?

Descreva alguns pontos fortes

Descreva alguns pontos fracos

23. O curso poderia ter fornecido algo a mais na formação para facilitar o espírito de empreendedor, enfrentar desafios e oportunidades?

() sim () não

24. Em caso positivo, indique quais os conteúdos e informações poderiam ter recebido para incentivar o espírito empreendedor:

25. Você atuou em alguma empresa júnior durante sua formação escolar?

() Sim Qual(is)? _____ () não

Em qual (is) função(ões)? _____

26. Como a atuação te ajudou a empreender melhor após sua graduação?

27. Você atuou em alguma incubadora de empresas durante sua formação escolar?

() Sim Qual(is)? _____ () não

28. Como a atuação na incubadora te ajudou a empreender melhor após sua graduação?

29. Que práticas didáticas e pedagógicas (incluir práticas interdisciplinares e multidisciplinares também) utilizadas pelos professores que mais contribuíram para a sua formação pessoal, profissional, empreendedora e geral?

Pessoal:

Profissional:

Empreendedora:

Geral:

OBSERVAÇÕES E SUGESTÕES AO TRABALHO

Este espaço é reservado para que faça observações e sugestões que considere importantes e que não tenham sido abordadas no formulário de pesquisa. Seu preenchimento é opcional.
